

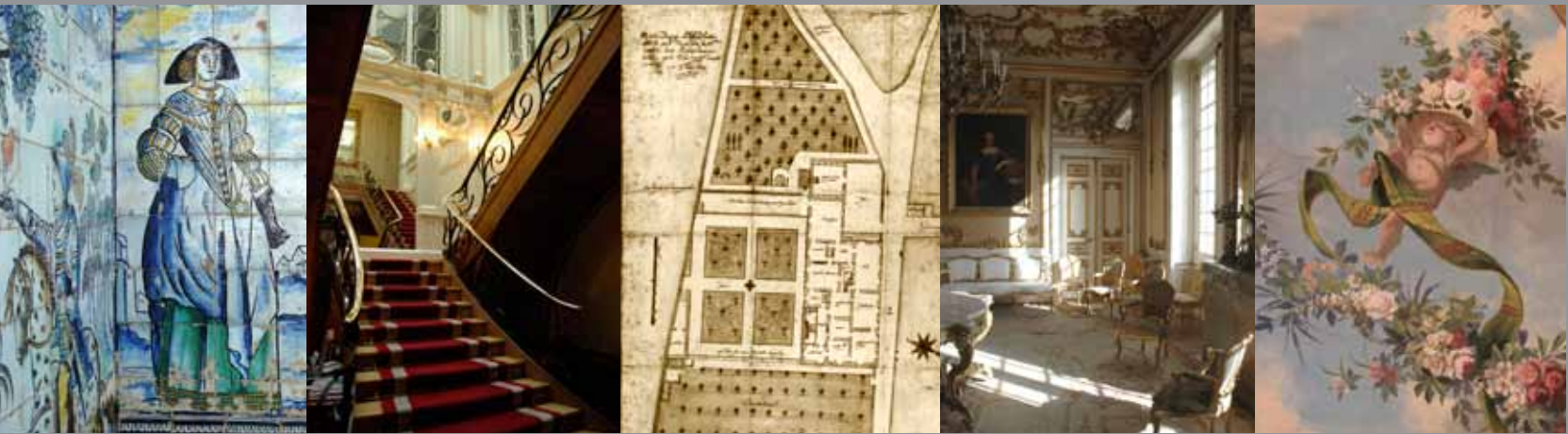
Isabel Mendonça . Hélder Carita . Marize Malta

Coordenação

A CASA SENHORIAL

em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores



Instituto de História da Arte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Escola de Belas Artes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A CASA SENHORIAL
em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores





Coordenação

Isabel Mendonça . Hélder Carita . Marize Malta

A CASA SENHORIAL
em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores

Instituto de História da Arte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Escola de Belas Artes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

2014

FCT (PTDC/EAT-HAT/112229/2009)

ISBN: 978-989-99192-0-4
(Universidade Nova de Lisboa)
ISBN: 978-85-87145-60-4
(Universidade Federal
do Rio de Janeiro)

*A Casa Senhorial
em Lisboa e no Rio de Janeiro:
Anatomia dos Interiores*

Design gráfico:
Atelier Hélder Carita

Secretariado:
Lina Oliveira
Tiago Antunes

Depósito legal:
383142 / 14

Tipografia:
Norprint

Tiragem:
300 exemplares

LISBOA – RIO DE JANEIRO 2014

Coordenação

Isabel M. G. Mendonça
Hélder Carita
Marize Malta

Edição conjunta

Instituto de História da Arte (IHA) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

ISBN: 978-989-99192-0-4

Escola de Belas Artes (EBA) – Universidade Federal do Rio de Janeiro
ISBN:

© Autores e IHA

Os artigos e as imagens reproduzidas nos textos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto com a referência EAT-HAT.112229.2009.

ÍNDICE

MECENAS E ARTISTAS. VIVÊNCIAS E RITUAIS

- 18 **Cátia Teles e Marques**
Os paços episcopais nos modelos de representação protagonizados por bispos da nobreza no período pós-tridentino em Portugal
- 44 **Daniela Viggiani**
“L’ Abecedario Pittorico” de Pellegrino Antonio Orlandi
- 64 **Celina Borges Lemos**
André Guilherme Dornelles Dangelo
Solar “Casa Padre Toledo”: o bem cultural como uma conjunção ritualística de espaços e tempos limiaries
- 86 **Miguel Metelo de Seixas**
O uso da heráldica no interior da casa senhorial portuguesa do Antigo Regime: propostas de sistematização e entendimento

ARQUITECTURA, ESTRUTURAS E PROGRAMAS DISTRIBUTIVOS

- 112 **Isabel Soares de Albergaria**
O Palácio dos Câmara “aos Mártires” – um caso excepcional da opulência seiscentista
- 134 **João Vieira Caldas**
Maria João Pereira Coutinho
O Nome e a Função: Terminologia e Uso dos Compartimentos na Casa Nobre Urbana da Primeira Metade do Século XVIII
- 190 **Hélder Carita**
O Palácio Ramalhete, nas Janelas Verdes: uma tipologia de palacete pombalino
- 208 **Ana Lúcia Vieira dos Santos**
Formas de morar no Rio de Janeiro do século XIX: espaço interior e representação social

- 224 **Mariana Pinto da Rocha Jorge Ferreira**
Tiago Molarinho Antunes
O Palácio dos Condes da Ribeira Grande, na Junqueira:
análise do conjunto edificado
- 248 **José Pessôa**
Padrões distributivos das casas senhoriais no Rio de Janeiro
do primeiro quartel do século XIX
- 272 **José Marques Morgado Neto**
As Casas Senhoriais da Belém colonial entre os séculos XVIII e XIX: sob a pers-
pectiva dos relatos de viajantes, da iconografia da época e da remanescência
no centro histórico da cidade
- 292 **Gustavo Reinaldo Alves do Carmo**
O Palácio das Laranjeiras e a *Belle Époque* no Rio de Janeiro (1909-1914)
- 318 **Patrícia Thomé Junqueira Schettino**
Celina Borges Lemos
“O Palacete Carioca”. Estudo sobre a relação entre as transformações da arquite-
tura residencial da elite e a evolução do papel social feminino no final do século
XIX e início do século XX no Rio de Janeiro
- 338 **Felipe Azevedo Bosi**
Palácio Isabel: o Palácio do Conde e Condessa d’Eu
no Segundo Reinado brasileiro
- 346 **Paulo Manta Pereira**
A arquitetura doméstica de Raul Lino (1900-1918). Expressão meridional
do *Arts and Crafts*, ou síntese local de um movimento artístico universal
do último terço de oitocentos

A ORNAMENTAÇÃO FIXA

- 366 **Ana Paula Correia**
Memórias de casas senhoriais – patrimónios esquecidos
- 382 **Sofia Braga**
Sobre a Sala Pompeia do Antigo Palácio da Ega

- 404 **Cristina Costa Gomes**
Isabel Murta Pina
Papéis de parede da China em Casas Senhoriais Portuguesas
- 424 **Ana Pessoa**
As Artes Decorativas no Rio de Janeiro do século XIX: um panorama
- 444 **Isabel Mendonça**
Estuques de Paris e “parquets” de Bruxelas num palácio oitocentista de Lisboa
- 472 **Isabel Sanson Portella**
Análise Tipológica dos Padrões dos Pisos de *Parquet* dos Salões do Palácio Nova Friburgo / Palácio do Catete
- 482 **Alexandre Mascarenhas**
Cristina Rozisky
Fábio Galli
A “Casa Senhorial” em Pelotas no século XIX: família Antunes Maciel
- 502 **Miguel Leal**
A Pintura Decorativa do Palacete Alves Machado: um estudo de caso
- 516 **Rosa Arraes**
A função social das decorações e seus ornatos dos palacetes na *Belle-époque* da Amazônia

EQUIPAMENTO MÓVEL

- 536 **Maria João Ferreira**
Ecos de hábitos e usos nos inventários: os adereços têxteis nos interiores das residências senhoriais lisboetas seiscentistas e setecentistas
- 562 **Marize Malta**
Sumptuoso leilão de ricos móveis... Um estudo sobre o mobiliário das casas senhoriais oitocentistas no Rio de Janeiro por meio de leilões

Palavras-chave
Palácio, Lisboa,
Compartimentos,
Funções,
Conde de Tarouca

Keywords
Palace,
Lisbon, Rooms,
Functions,
Earl of Tarouca

Resumo/Abstract

O Nome e a Função: Terminologia e Uso dos Compartimentos
na Casa Nobre Urbana da Primeira Metade do Século XVIII

O presente texto, que tem por base a análise de um conjunto de cartas de João Gomes da Silva (1671-1738), 4.º conde de Tarouca, a propósito da reformulação e ampliação das casas nobres de seu filho, Fernão Teles da Silva (1698-1763), monteiro-mor do reino, centra-se na interpretação da terminologia constante nesses documentos. Esta correspondência, reveladora do profundo conhecimento que o conde de Tarouca tinha da arquitectura e dos arquitectos do seu tempo, constitui uma teoria abreviada do que é “habitar à lei da nobreza” na Europa do segundo quartel do século XVIII.

Name and function: terminology and use of compartments
in urban palaces of the first half of the eighteenth century

This paper is based on the analysis of a set of letters, where João Gomes da Silva (1671-1738), 4th Earl of Tarouca, discusses the project of the palace that his son, Fernão Teles da Silva (1698-1763), monteiro-mor of the kingdom, intends to rebuild and to enlarge. It focuses on the interpretation of the noble dwelling vocabulary existing in those documents. The letters, revealing the knowledge that the Earl of Tarouca had about the architecture and the architects of his time, is an abridged theory concerning the way of living under the “nobility law” in the second quarter of the eighteenth century in Europe.

João Vieira Caldas. *Licenciado em Arquitectura (ESBAL, 1977), mestre em História de Arte (FCSH-UNL, 1988), doutorado em Arquitectura (IST-UTL, 2007), dividiu a sua actividade profissional entre a prática da arquitectura, o ensino, a investigação e a crítica. Actualmente é professor de História e de Teoria da Arquitectura no Mestrado Integrado em Arquitectura do IST, lecciona no Curso de Doutoramento em Arquitectura do mesmo Instituto onde também se dedica à investigação no quadro do ICIST.*
jvieiracaldas@tecnico.ulisboa.pt

Maria João Pereira Coutinho. *Licenciada em Artes Decorativas Portuguesas, mestre em História da Arte e doutora em História (especialidade em Arte, Património e Restauro). Foi docente na ESAD e foi bolseira de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/22602/2005). Foi bolseira do projecto “Lisboa em Azulejo antes do Terramoto” (PTDC/EAT-EAT/099160/2008) do IHA-FCSH/UNL, de que é membro integrado. É desde Março de 2013 bolseira de pós-doutoramento da FCT (SFRH/BPD/85091/2012).*
mjpereiracoutinho@gmail.com

O Nome e a Função: Terminologia e Uso dos Compartimentos na Casa Nobre Urbana da Primeira Metade do Século XVIII

João Vieira Caldas, Maria João Pereira Coutinho

INTRODUÇÃO

Entre 1734 e 1735 o conde de Tarouca, João Gomes da Silva (1671-1738)¹, tem uma significativa troca de correspondência com um dos seus filhos, Fernão Telles da Silva (1698-1763), monteiro-mor do reino², a propósito da grande obra de reformulação e ampliação que este último está a empreender nas casas nobres que eram do seu sogro, na Calçada do Combro, esquina com a Rua Formosa (actual Rua do Século), mais tarde também conhecido como Palácio Marim/Olhão. Dessa correspondência conservam-se na Biblioteca Pública de Évora três cartas escritas por João Gomes da Silva a partir de Viena³, uma escrita pelo seu filho mais velho, Estêvão de Menezes (1695-1758), corroborando as ideias do pai e desculpando-o do atraso na última resposta, e ainda um documento — “Anotações” — com um conjunto de esclarecimentos e adendas à primeira carta desta série mas escritos *a posteriori*⁴.

As cartas revelam que o conde de Tarouca era um profundo conhecedor da arquitectura e dos arquitectos do seu tempo, tanto portugueses como estrangeiros, dominando o que chama o “método português” de edificar e, inclusivamente, o desenho arquitectónico que utiliza profusamente na comunicação com o filho. Sobretudo, constituem uma teoria abreviada, com grande potencial ainda por explorar, do que é “habitar à lei da nobreza” no segundo quartel do século XVIII. E neste caso estamos a falar da primeira nobreza de corte.

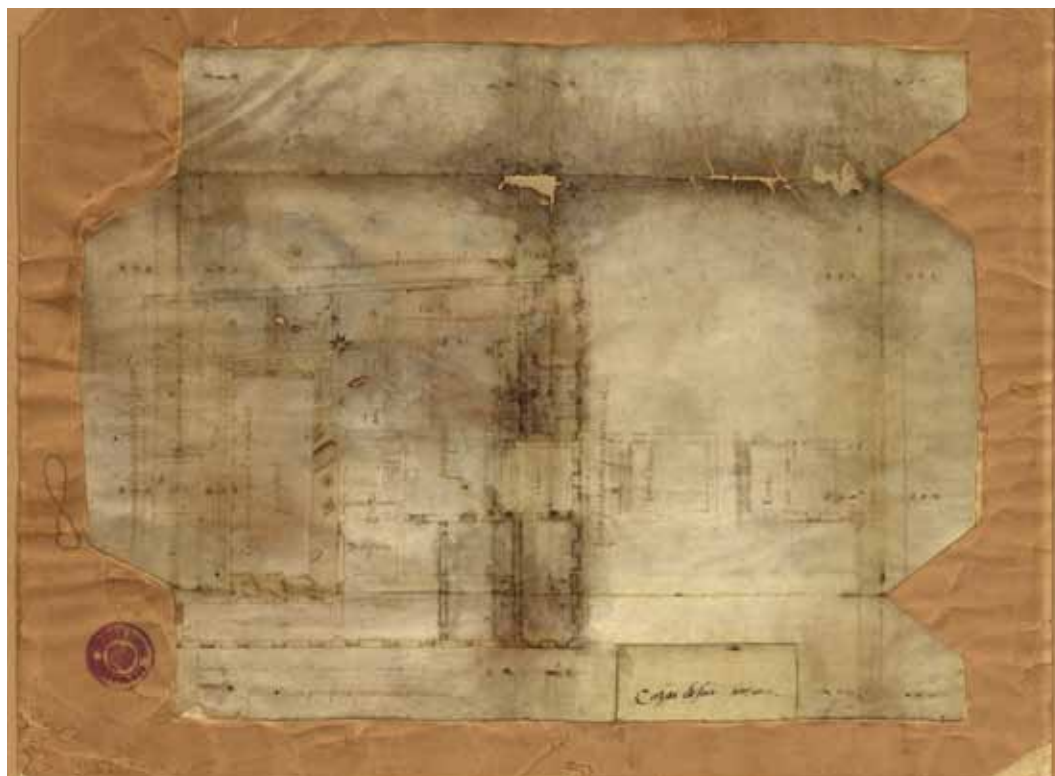
A presente comunicação, partindo dos pressupostos teóricos que transparecem destas cartas e dos efeitos práticos que, através delas e dos desaparecidos (e coloridos) desenhos que as acompanhavam, João Gomes da Silva queria ver plasmados no palácio do seu filho monteiro-mor, pretende dar mais um contributo para o conhecimento do que seriam então os compartimentos considerados adequados a “*huma casa magnífica*”⁵, quais as suas principais funções, quais as designações utilizadas para os nomear e quais as suas posições relativas no contexto da habitação.

O conhecimento que se tem da terminologia aplicada aos compartimentos na casa nobre urbana da Época Moderna deriva essencialmente das expressões subtraídas da documentação coeva, publicadas em estudos diversos⁶, mas também de uma leitura atenta das poucas plantas que chegaram até nós e que fixaram a organização interna de habitações dessa altura, algumas com as divisões identificadas.

Vale a pena determo-nos brevemente em dois desenhos do acervo iconográfico da Biblioteca Nacional de Portugal, uma planta que, segundo Ayres de Carvalho (na esteira de Vieira da Silva) será do séc. XVI, outra que, segundo o mesmo estudioso, terá sido desenhada em finais do século XVII. A crer nas datações, verifica-se que parte da nomenclatura dos espaços relacionados com a casa nobre usada na primeira metade do século XVIII já vem pelo menos do século XVI, ainda que possa ter havido entretanto uma evolução distributiva e funcional.

O primeiro tem uma inscrição que refere “*casas de sua senhoria*” bem como, em um dos seus lados, a indicação “*pera São Roque pera o poente pouco mais o menos*”⁷. Tais inscrições terão levado Vieira da Silva a identificar essa planta com a casa dos condes da Vidi-

Ilustração 1
Planta que tem vindo a ser identificada como a casa dos condes da Vidigueira em Lisboa.
©BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, Secção de Iconografia, D. 147 A.



gueira em Lisboa, que se sabe ter sido nas imediações desse templo, o que, independentemente da pertinência da atribuição cuja discussão não faz parte do escopo do nosso estudo⁸, permite enquadrar este espécime no contexto lisboeta. O facto de um número significativo de dependências apresentar numeração correspondente a uma legenda, que infelizmente já não acompanha o desenho, indicia a preocupação que existia em nomear os espaços. Mesmo assim a própria planta exhibe a identificação de algumas das áreas da residência, entre as quais “*varanda*”, “*tribuna*”, “*scritori*”, “*banho ao lado*”, “[*sala de despacho*”, “*câmara*” e “*guarda roupa*”, o que acresce o seu valor para o estudo da terminologia e percepção da funcionalidade dos espaços da casa nobre de Quinhentos a Seiscentos.

O outro desenho, que manifesta idêntica preocupação com a nomenclatura dos espaços, possivelmente reproduz o palácio do “*Cunhal das Bolas*”, ao Bairro Alto, cuja atribuição se baseia no facto de numa das legendas se encontrar a referência aos “*arcos do postigo que desemboca na rua do carvalho [actual Rua Luz Soriano] e sustentão a sala que olha para a praça e a galeria*”⁹. Com efeito, este traçado que já anuncia uma outra forma de organização espacial, uma planta em U, exhibe uma legenda que nos permite identificar locais como

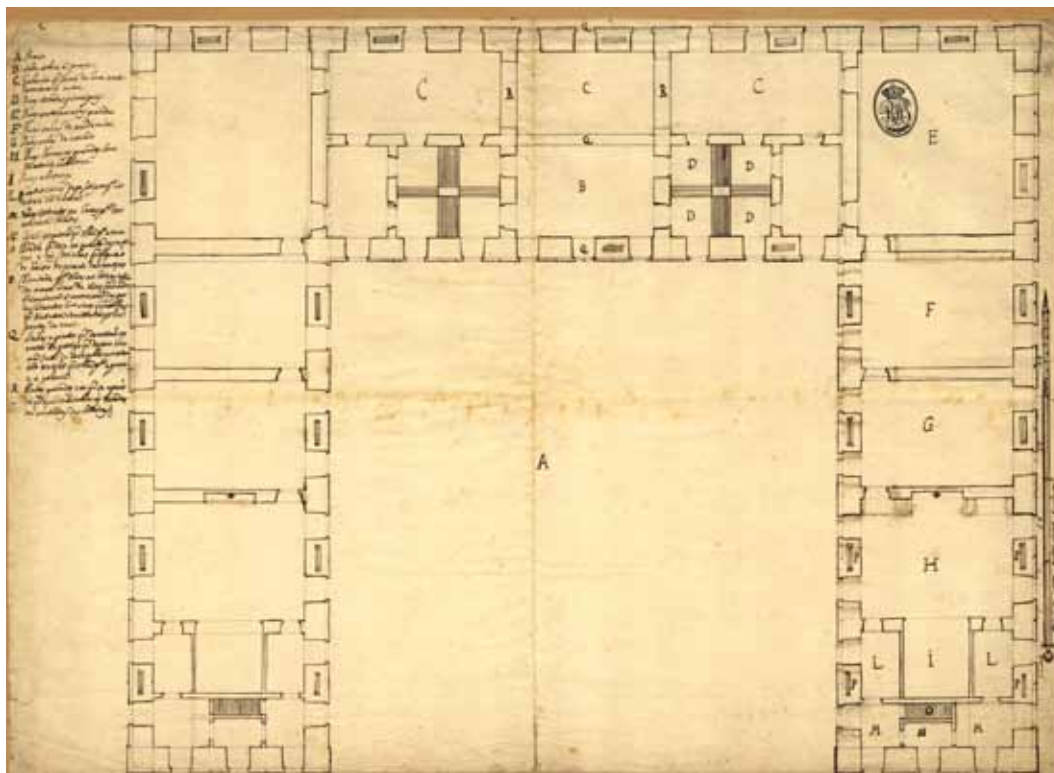


Ilustração 2
Planta apontada como sendo do palácio do “*Cunhal das Bolas*”, ao Bairro Alto.
©BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, Secção de Iconografia, D.148 A.



Ilustração 3
Retrato de João Gomes da Silva, 4.º conde de Tarouca. Andreas SCHMUTZER. C. 1730.
©BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, Secção de Iconografia, E. 291 V.

as salas de audiência, salas de estrado, câmaras, alcovas, oratórios e retretes. Este desenho denota também alguma preocupação descritiva/justificativa com o fim a que se destinam alguns espaços e os elementos que o compõem, como ocorre com uma das legendas que esclarece que a escada “*dece ao quarto das moças*”, ou com outra onde se pode ler que as chaminés deviam figurar em “*todas as Cazas assim dos amos como de todos os criados que servirem e morarem das portas para adentro com suas familias que tiverem serventia polla parte da rua*”¹⁰.

Não sabemos, porém, qual o enquadramento destes dois exemplos à guarda da Biblioteca Nacional. Serão levantamentos de estruturas existentes? Projectos de obra nova? Ou, hipótese mais plausível, projectos de alterações ou reformulação total de casas nobres mais antigas?

Para o palácio do monteiro-mor, pelo contrário, não dispomos de desenhos coevos da reformulação total que se empreendeu no segundo quartel de setecentos, nem de qualquer planta que pudesse ser tomada como levantamento das casas nobres pré-existentes. Em contrapartida, temos acesso a um conjunto de escritos do conde de Tarouca que, sendo certamente ainda mais relevantes que os desaparecidos desenhos a que se referiam, são uma verdadeira proposta de “palácio ideal” na Europa barroca.

A CULTURA ARQUITECTÓNICA DO CONDE DE TAROUCA

Das quatro cartas conservadas explorámos, para esta comunicação, essencialmente a primeira, não só porque é a que melhor explicita a cultura arquitectónica do conde de Tarouca, como porque constitui o documento que mais se aproxima do que poderia ser uma memória descritiva e justificativa do projecto que João Gomes da Silva concebeu para o seu terceiro filho.

Tem uma primeira parte, a que poderíamos chamar teórica, em que o autor faz a crítica acérrima das soluções já propostas (e até com obras começadas) pelos diversos arquitectos a que Fernão Teles da Silva recorrera. A sua riqueza e importância para a história da arquitectura civil do segundo quartel de setecentos foi já bem explicitada noutro estudo¹¹. A segunda parte corresponde a uma descrição comentada dos diversos compartimentos, com informação sistemática das suas medidas e, parcial, das suas funções, das suas posições relativas e da sua localização no edifício.

Embora, na ausência de desenhos, suspeitemos que essas medidas se referem ao interior dos compartimentos, faltando-nos portanto a espessura das paredes, e não havendo precisão descritiva no que respeita à sucessão de parte deles, não é possível fazer uma reconstituição fidedigna, apenas esquemática e aproximativa. Este documento é, no entanto,

precioso pelo que nos permite compreender sobre quais e quantos eram os compartimentos principais de uma casa nobre que se queria magnificente e cosmopolita, como, aliás, o conde de Tarouca faz questão de ir lembrando. Isto é, permite-nos compreender melhor como é que se organizavam os seus interiores e quais eram os nomes e as possíveis funções dos compartimentos, numa época em que ainda preponderava uma certa indefinição ou polivalência funcional.

Com a vantagem de os textos de João Gomes da Silva mencionarem diversas expressões que comprovam o contacto com uma prática construtiva internacional e o domínio tanto da prática construtiva portuguesa como da correcta terminologia da arquitectura civil. Essa terminologia, que foi integrando o seu vocabulário desde a infância, terá sido desenvolvida na sua vida adulta devido ao gosto que manteve pela arquitectura, e que o levou a aprofundar e diversificar o conhecimento nessa área, e aos sucessivos cargos diplomáticos que o obrigaram a uma constante itinerância pela Europa que incluiu contactos (directos ou indirectos) com arquitectos de renome internacional.

A interpretação desta carta, coadjuvada pela das outras três e das “Anotações”, permite-nos portanto perceber qual era o modelo que idealizava para uma casa nobre magnífica e de pendor internacionalista, temperada por um profundo conhecimento da tradição palaciana lisboeta. A terminologia utilizada adquire aqui particular significado, na medida em que podemos supor que não só está coetaneamente actualizada em português, como até são identificados alguns termos correspondentes noutras línguas, ou são deliberada e conscientemente usados estrangeirismos quando o conde de Tarouca os achava mais adequados às situações em causa.

O recurso a expressões de origem francesa, como “*nos que chamão os Francezes tre-maux e nos dizemos membros*”, quando se reporta aos espaços de parede entre os vãos¹², “*o que ha poucos annos inventarão os Francezes chamando lhe nicho*”, quando se refere a uma alcova pequena, quando menciona “*huma caza a que os Francezes costumão chamar gabinete de conversação*”, ou outra casa “*ao lado da segunda guarda-roupa*” que podia levar um “*Bilhard*” e onde assistiriam os “*valets de chambre*”¹³, reforça a ideia de que Tarouca possuía uma forte cultura francesa. Essa ideia revela-se de um modo ainda mais evidente quando João Gomes da Silva refere directamente tratadistas franceses, como “*hum author moderno Francez chamado Daviler*”¹⁴, o arquitecto Augustin-Charles d’ Aviler (1653-1700)¹⁵, autor do conhecido *Cours d’architecture qui comprendre les ordres de Vignole (...)* (1691)¹⁶.

O recurso a designações italianas, que comprovam a componente transalpina da sua cultura arquitectónica, é igualmente legível na correspondência do conde de Tarouca, desde a menção às áreas do palácio de baixo pé-direito onde se situavam os aposentos dos cria-



Ilustração 4
Fólio de uma das cartas de João Gomes da Silva para Fernão Teles da Silva. 1735. ©BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA, Cód. CX/1-6, n.º 25.

dos, “*as quais cazas chamarei abaixo pella expressão Italiana de mezaninos*”, à segurança que demonstra na afirmação da diferença entre colunas e pilastras “*a que os Italianos chamão lesenas*”¹⁷.

Tal preponderância linguística/cultural, leva-nos a considerar a hipótese de o seu saber decorrer essencialmente da tratadística francesa e italiana, pelo que deverão ter sido importantes para a sua formação arquitectónica as obras de Pierre Le Muet (1591-1669), *Maniere de bâtir por toutes sortes de personnes* (1623)¹⁸ e de François Blondel (1618-1686), *Cours D'Architecture* (1675-1683)¹⁹, bem como as de Guarino Guarini (1624-1683), *Disegni di architettura civile ed ecclesiastica* (1686)²⁰ e de Domenico Rossi (1659-1730), *Studio d'architettura civile* (1702)²¹.

Embora as influências anteriormente referidas sejam mais evidentes, convém não esquecer a cultura visual que também terá adquirido durante a sua estadia na Áustria dos Habsburgo, embora igualmente de matriz ítalo-francesa, onde terá contactado com o arquitecto Joseph Emanuel Fischer von Erlach (1693-1742), filho e discípulo de Johann Bernhard Fischer von Erlach (1656-1723), com Johann Lukas von Hildebrandt (1668-1745) e com Antonio Maria Nicolau Beduzzi (1675-1735), como também indicia a sua correspondência. Aliás, a propósito do projecto de Canevari (1681-1764)²² para o portal do palácio do seu filho, Tarouca demonstra assertivamente o conhecimento que tinha da cidade onde então vivia, ao declarar que “*somente nesta corte de Vienna apontarei mais de doze melhores do que elle.*”²³.

Assim, para um maior entendimento do que deveria ser o seu pensamento nesta matéria, convém lembrar que Joseph Emanuel Fischer von Erlach tinha uma forte influência francesa, advinda da sua estadia entre 1717 e 1719 em França onde contactou com Robert de Cotte (1656-1735) e Germain Boffrand (1667-1754). Em solo austríaco, onde concluiu várias obras do pai, terá feito intervenções no Hofburgo e no palácio Lobkowitz, entre muitos outros exemplos de arquitectura civil. Já Hildebrandt, de formação italiana adquirida junto a Carlo Fontana, destacou-se por formalizar novas soluções nos palácios Schwarzenberg e Schönborn e nas várias edificações do Belvedere. O bolonhês Antonio Maria Beduzzi também terá reforçado esta matriz italiana presente na construção austríaca, apesar de se ter destacado mais na arquitectura religiosa e no âmbito da cenografia.

A atenção de João Gomes da Silva ao mundo da arquitectura nas capitais europeias por onde passou permitia-lhe ainda conhecer, por exemplo, a actividade de “design de interiores e de equipamento”, em Haia, do arquitecto e gravador francês Daniel Marot (1661-1752), autor que não contactou directamente, ao contrário do seu filho mais velho Estêvão de Menezes, mas cuja obra conheceu na “*caza nova do Conde Obdam*”²⁴.

O TODO E AS PARTES NA TERMINOLOGIA PORTUGUESA

A correspondência do 4º conde de Tarouca com o seu filho Fernão Teles da Silva ajuda-nos também a assentar ideias sobre alguma terminologia genérica respeitante à casa nobre portuguesa que, não constituindo uma novidade, permite estabelecer com segurança a adequação e o significado deste vocabulário generalista referido à primeira metade do século XVIII. É por aí que começaremos, antes de entrarmos virtualmente na casa do monteiro-mor e na especificidade terminológica e funcional dos seus inúmeros compartimentos.

Palácio

Como já tem sido verificado nos últimos anos por diversos autores²⁵, a designação de palácio para as grandes moradas de casas urbanas da nobreza é já comum no segundo quartel do século XVIII e indiscutível para João Gomes da Silva. No entanto, pela mesma época, ainda é usada a expressão “propriedade de casas-nobres” na documentação relativa a transacções e obras como, por exemplo, nas do palácio que o Principal da Patriarcal de Lisboa, Lázaro Leitão Aranha, adquiriu em Lisboa, na mesma rua e do mesmo lado da propriedade do monteiro-mor, no sítio do actual Largo do Calhariz²⁶.

É provável que a cultura arquitectónica e o cosmopolitismo evidenciados pelo conde de Tarouca o levassem a utilizar sistematicamente uma terminologia mais apropriada e mais actualizada, enquanto outros ficavam mais arreigados à tradição. Mas também é possível que fosse preferida a designação de palácio para uma edificação com unidade e simetria (tanto no sentido actual como no setecentista), isto é, com um projecto arquitectónico coerente ou, pelo menos, com uma ordem aparente que as casas nobres de Lázaro Leitão no Calhariz podem só ter adquirido depois das obras mandadas executar por este clérigo na escadaria nobre e na frontaria do edifício²⁷.

Quarto

Um palácio divide-se em partes e a cada uma dessas partes João Gomes da Silva chama quartos, nisso não se distinguindo do uso português da época. Dado que o nosso trabalho se centra na primeira metade do século XVIII, não procurámos determinar a partir de quando é que esta palavra deixa de se aplicar a um conjunto de compartimentos com uma localização afim, ou a um grupo de peças com funções interligadas e coerência interna, para passar a designar um único compartimento com a função de quarto de cama. O certo é que se encontra esse vocábulo tanto antes como depois do período joanino para designar, por exemplo, duas partes do mesmo palácio construídas em diferentes épocas a que passa a chamar-se o “quarto velho” e o “quarto novo”. Este hábito qualificativo é, aliás, revelador

de uma prática construtiva portuguesa particularmente usual em finais de Seiscentos e inícios de Setecentos. Não é novidade, por exemplo, que o palácio dos marqueses de Alegrete e condes de Vilar Maior, também conhecido por “palácio da Mouraria”, onde aliás nasceu e cresceu João Gomes da Silva, era constituído por dois corpos principais perpendiculares entre si, o último dos quais construído em finais do século XVII, conhecidos justamente por “quarto velho” e “quarto novo” e unidos por um pequeno corpo em ponte, sobre a rua, assente na estrutura que ficou conhecida por “Arco do Marquês do Alegrete”²⁸. O mesmo tipo de prática foi também empreendido por D. Inês Margarida de Lencastre “*viuva do Barão Conde D. Vasco Lobo*” [Barão do Alvito] nas suas casas “à Boavista”, pois contratualizou em 1712 a execução de um quarto novo “*na forma da planta do Arquitecto João Antunes*”²⁹.

O conde de Tarouca, no que respeita ao palácio perfeito que ambiciona para o filho, utiliza-o com diferentes sentidos sempre que se quer referir a uma parte da edificação. “Quarto baixo” e “quarto alto” para designar um andar inferior e um andar superior, de um modo que além de indicar diferentes níveis deixava transparecer uma posição hierárquica, “quarto nobre” para designar todo o andar principal, ou as partes mais nobres deste andar, entre as quais se incluíam os aposentos destinados ao dono da casa (uma espécie de androceu) e os aposentos destinados à sua mulher (uma espécie de gineceu), que, aliás, preenchem a quase totalidade do andar nobre e são designados respectivamente por “quarto de homem” e “quarto da senhora” ou “quarto das senhoras”.

Importa, portanto, sublinhar que o entendimento de *quarto* em inícios de Setecentos contemplava sobretudo a ideia de “parte de huma casa grande, com serventia separada”³⁰. Mas é ainda nesse sentido que, na transição do século XVIII para o século XIX, o futuro Duque de Palmela, D. Pedro, utiliza a mesma expressão, nas suas memórias, quando diz ter tido “a satisfação de ver na sociedade, que frequentava todas as noites, o célebre Nicolau Tolentino d’Almeida no quarto do meu amigo o marquês d’Angeja”³¹.

Casa ou peça

O antigo significado de *casa* como divisão ou compartimento da habitação é de todos conhecido, assim como a vulgar expressão “uma morada de casas”, que tanto se pode aplicar a “uma morada de casinhas térreas” como a uma “morada de casas nobres”. O conde de Tarouca utiliza também *peça* (“pessa”), o que poderíamos tomar por um galicismo devido à sua erudição e cultura afrancesada, mas a verdade é que, galicismo ou não, esse termo é já assumido por Bluteau como sinónimo de casa, podendo ambos designar também um aposento ou uma parte de casa³².

De qualquer modo são estes os três níveis comuns no seu tempo e utilizados por Ta-

rouca para a descrição do projecto que concebe para o seu filho D. Fernão Teles da Silva: **palácio** quando se refere ao todo construído, **quarto** quando se refere a uma parte desse todo, e **casa** ou **peça** quando se refere à unidade espacial.

O PALÁCIO DO MONTEIRO-MOR NA CALÇADA DO COMBRO

Vamos agora tentar dar a perceber, esquematicamente, como se organizaria espacial e funcionalmente o palácio pensado pelo conde de Tarouca, João Gomes da Silva. Seria um bloco praticamente independente, quase um quarteirão, com frente para a Calçada do Combro, a sul, fachada lateral esquerda para a antiga Rua Formosa (Rua do Século), tardoz para a Travessa do Jaques (actual Travessa das Mercês) e fachada lateral direita para uma travessa a abrir nos próprios terrenos do seu filho, assim este conseguisse comprar umas “*Cazinhas alheias*”³³ que o impediam de dar ao seu palácio o perímetro e a frente desejados pelo pai.

Este avisa o filho que lhe faz um andar nobre com 25 peças, sem contar com duas que são de passagem para escadas particulares. Mas no introito à descrição sistemática ele



Ilustração 5
Vista do alçado principal do palácio do monteiro-mor.
©Fotografia de Maria João Pereira Coutinho.

Ilustração 6
Pormenor da escada de acesso ao interior do palácio do monteiro-mor.
© Fotografia de Maria João Pereira Coutinho.

individualiza apenas duas — a sala e o oratório — enumerando, além destas, 13 casas para a senhora e 10 para o marido. O oratório, portanto, não fazia parte do quarto da senhora, embora fosse um enclave só acessível através dele.

De quase todas essas peças temos nomes e medidas, e de muitas delas a localização aproximada no edifício, mas quanto à maior parte das funções temos muito poucas certezas, não só porque nem todas são referidas nas cartas de João Gomes da Silva como porque, nesta época, ainda dominava a ambiguidade e polivalência no uso dos espaços, expressa, aliás, nas próprias palavras (e hesitações) do conde projectista.

Antes de chegar à descrição mais pormenorizada do andar nobre, o autor dá uma ideia geral de como se organiza o palácio e como se lhe acede. Ficamos a saber que a entrada se processa através de um “saguão” quadrado, isto é, um átrio ou vestíbulo coberto³⁴ “*capaz de voltarem dentro nelle os coches a seis cavalos*”. Depreendemos que este átrio é precedido por um pórtico que suporta uma profunda varanda/terraço que se estende a toda a largura do saguão e que este é rematado, do lado oposto, por outro pórtico ou alpendre (junto ao qual se acederia às escadas por onde sobem “*as pessoas que se apeiam*”) que dá passagem a um grande pátio “*maior que muitos palácios em Lisboa*”. É esse pátio que dá serventia às “oficinas”, “estrebrias” e “cocheiras”, mas também serve para parquear os coches em dias “de função” porque “*cabem nele muitas carruagens*”³⁵.

O palácio dispor-se-ia em forma de U largo e atarracado, em torno do pátio que seria fechado do lado de trás “*por huma Alameda, ou passeio de dezanove palmos de largo*” que ficava ao nível do andar nobre “*sobre hum corpo de terra que não haveis de dezentulhar, mas revestir de muro (...)*”. E como desse lado o contorno do terreno faz uma inflexão, o conde de Tarouca propõe que se faça “*no ângulo reintrante (...) huma fonte, ou gruta de embrechados rústicos*” que ficaria alinhada com a entrada principal e “*mostrará bella apparencia a quem passa pella Calçada do Combro*.”³⁶.

Sala

A sala principal proposta por João Gomes da Silva, a primeira a ser acedida no cimo das escadas nobres, fica sobre o saguão, é também quadrada e tem as mesmas dimensões daquele, constituindo o grande centro do palácio. Já não lhe chama “sala vaga”, como era e continuou a ser comum, nas décadas seguintes, designar este tipo de divisão³⁷, embora esta sala desempenhe exactamente as mesmas funções de átrio de recepção e distribuição pelos diversos “quartos” do palácio e também de salão de festas em caso de necessidade. Segundo o desejo do conde de Tarouca seria de concepção monumental: “*O pe direito da sala ha de ser maior que o resto do edificio com hum telhado mais alto, e eu o formaria em cupola*

*redonda se não quizera evitar lhe a despeza de a cubrir de chumbo, quando o dito tecto basta que seja cuberto de telhas.”*³⁸.

O quarto da senhora

Do lado poente da sala dispõe-se o “quarto da senhora”, onde três antecâmaras precedem a câmara de dormir e, de certo modo, envolvem o oratório que, na primeira versão do projecto, fica na esquina do edifício (da Calçada do Combro com a Rua Formosa), de maneira “*que possa ouvir a Missa quem estiver em qualquer каза das principais do edificio.*”. Segundo o próprio autor, este oratório “*he de forma assaz bonita, e dividido pellos dous arcos que o atravessão em tres corpos de diferente figura (...)*”, uma das quais circular³⁹. A terceira antecâmara e a câmara da senhora estão situadas já do lado da Rua Formosa, “*e seguindo a moda estrangeira pus o leito no meio da parede maior, adonde fica com gala, vendo se delle todo o comprimento da terceira antecâmara, e o oratório*”, de tal modo “*que a senhora achando se dentro no seu leito veja o celebrante no altar (...)*”⁴⁰.

A possibilidade de se poder assistir às cerimónias religiosas de diversos pontos do palácio e pelo maior número possível de pessoas é verdadeiramente uma das obsessões do conde de Tarouca. Não só coloca o oratório na esquina do edifício, como numa posição tal que também “*o Marido, achando se com vizitas no seu quarto, e em lugar tão distante do oratorio, ouça tambem Missa, abrindo se a baranda, sem que os ouvintes dos dous sexos incommodem huns, aos outros (...)*”. Ora isto só é possível através do que “*os estrangeiros chamão huma bella **enfilada** e a louvão muito quando as portas de muitas cazas enfião directamente humas as outras.*”⁴¹ (negrito nosso)

Estas *enfilades* eram já comuns nos palácios portugueses muito tempo antes da reforma em curso no palácio do monteiro-mor, normalmente através de portas colocadas no mesmo enfiamento junto à fachada⁴², como, aliás, seria necessário neste caso para se poder estar em contacto visual com o oratório a partir do “quarto de homem” e como se pode ver também na planta do referido palácio do Cunhal das Bolas (fig. 2). João Gomes da Silva, porém, não só continua a dar-lhes grande importância funcional e simbólica como chega a fazer três “*grandes enfiladas paralelas*”⁴³ entre a primeira antecâmara e o primeiro guarda-roupa através da sala grande.

O quarto de homem

Dentro do que é possível (e sempre que possível), o conde de Tarouca privilegia a simetria, seja na forma geral do palácio, seja na sucessão dos compartimentos. Assim, tal como o quarto da senhora teria três antecâmaras, o quarto de homem teria três guarda-

-roupas, curiosa utilização deste termo para distinguir o gineceu do androceu. Bluteau testemunha a sua presença no vocabulário português ao afirmar que um guardaroupa é um “Armario grande, portatil, em que se metem os vestidos”, mas também “A casa das cadeiras, em que os fidalgos tomão visitas. Por ser esta casa como antecâmara, pode se chamar *Prius*, ou *antecedens conclave*”⁴⁴. Com efeito, é nesta segunda interpretação da palavra que reconhecemos a tipologia que João Gomes da Silva menciona na sua documentação.

Antecâmaras e guardaroupas são, na verdade, salas que se sucedem numa gradação crescente de intimidade. E o projectista e conselheiro do programa arquitectónico faz gala em salientar que a primeira e segunda antecâmaras e a primeira e segunda guarda-roupas são semelhantes entre si. Quanto à terceira peça do quarto de homem está mais indeciso. Poderá ser a tal câmara destinada a receber visitas “*a que os Françaes costumão chamar gabinete de conversação*”⁴⁵.

Tal como o oratório está no quarto da senhora, embora senão livremente acessível pelo menos visível do lado masculino, também o quarto de homem (cujos compartimentos parecem poder ter funções mais ambíguas) tem uma peça essencial sem equivalente no quarto da senhora: a galeria, uma casa muito extensa virada a nascente, “*destinada para livraria*”⁴⁶, com grandes espaços entre janelas para as estantes. Para dar maior respiração e luz através dessas janelas é que João Gomes da Silva insistia na necessidade de se abrir uma travessa desse lado da propriedade. No fim da galeria fez ainda o conde de Tarouca um gabinete “*para escreveres*”⁴⁷, compartimento de evidente origem francesa já assinalada por Rafael Bluteau⁴⁸.

A potencial polivalência da galeria leva a que o conde proponha, mais tarde, nas suas “Anotações” com propostas de alteração ao primeiro projecto que ele próprio tinha feito, novas funções para essa divisão:

Nesta que vai de novo condemnareis talvez o veres na galeria determinada huma baranda, ou coro para istrumentos: he porque não sabeis o como hoje esta em moda fazer estas tais barandas, ou coros de musica nos saloens, e pessas grandes em que pode haver bailles, ou qualquer genero de festa (...) ⁴⁹

O quarto de homem incluiria também, do lado pátio, a já citada casa com um hipotético *Billard*, “*na qual assistirão os valets de chambre para acudir quando os chamarem*”, e uma casa e um gabinete para os filhos “*que não morarem no quarto baixo*”. A ala masculina remataria junto ao passeio elevado que fechava o pátio a norte, ao longo da travessa do Jaques, com dois compartimentos expressamente iguais e simétricos aos que rematavam a

ala feminina, embora com funções diferentes: um gabinete sextavado “*para vos vestires*”, e uma “*casa ouvada*”, rematada por uma cúpula, com saída para o passeio e que “*pode servir de ter armas, circunstancia necessária para hum Monteiro Mor*”⁵⁰.

De volta ao quarto das senhoras

Neste “quarto”, além das principais divisões já referidas havia também dois camarins, um retrete “*assaz escondido*”, um escaparate “*para guardar brincos, e tambem nelle se poderem tocar as senhoras*”, uma casa de lavor, uma casa “*para nella se comer em particular com a familia*” uma casa “*que destino para o aparador sempre que se comer em publico nas antecamaras*”, uma casa “*para que nella assista a Donna*”, junto à primeira antecâmara⁵¹.

A designação “camarim” pode ser aplicada a diversas áreas quer no contexto sacro, quer no civil. Neste último, pode significar um espaço onde se tem peças raras, segundo a definição de Bluteau⁵², mas também com funcionalidade idêntica ao guarda-roupa. É esse o sentido que aliás se verifica quando o conde de Tarouca se refere ao camarim principal, que concebe todo com espelhos, esculturas e onde inclui “*hum grande almario para pendurar vestidos*”⁵³.

O termo “escaparate”, que também não é inédito, corresponde aqui a um pequeno compartimento particularmente significativo no que respeita ao aproveitamento do espaço “*entre os dous Camarins*”⁵⁴. A sua função aproxima-se da definição dada por Bluteau para esse vocábulo, embora este autor o entenda mais como uma vitrina que como uma divisão autónoma⁵⁵.

O termo “retrete”, que João Gomes da Silva usa no masculino, parece ter um sentido semelhante ao que tem hoje. Bluteau, que é um pouco ambíguo quanto ao género da palavra, é totalmente explícito quanto à sua função. Não só o define, em geral, como aposento recolhido⁵⁶ mas, mais à frente, especifica que pode ser “O aposento secreto da casa, onde se fazem as necessidades da natureza”⁵⁷.

A casa para o aparador, como se percebe, tem a função de copa. Bluteau confere ao vocábulo “aparador” uma certa amplitude entre a simples peça de mobiliário e o compartimento, mas concorda com o conde de Tarouca no seu papel de apoio às refeições, esclarecendo que é de uso próprio da nobreza e remetendo para o termo copa que “he mais portuguez”⁵⁸.

Finalmente, no extremo do gineceu oposto às primeiras antecâmaras, rematam a ala feminina uma “Caza sextavada” e uma “caza ouvada”, iguais na forma às simétricas do “quarto de homem” mas completamente diferentes na função. Estas duas últimas casas do “quarto das senhoras” eram destinadas às “*filhas ja mulheres*”⁵⁹.

A casa sextavada só difere da correspondente masculina porque João Gomes da Silva substituiu a chaminé desta última, que aproveitaria um dos cantos mortos decorrentes da sua planta hexagonal, pelo tal nicho que “*inventarão os Francezes*” e que não é mais que uma “*alcova pequena, na qual não pode entrar mais que o leito para huma pessoa*”⁶⁰. A alcova, que na Idade Moderna é comum de norte a sul do país e de modo algum constitui um exclusivo da nobreza, está claramente definida por Bluteau⁶¹ e figura também na já mencionada planta do suposto palácio do Cunhal das Bolas como complemento indispensável das “*Duas Cameras grandes*”. Curiosamente, por trás destas, existem dois pares de pequenos compartimentos legendados como “*retretes ou Casas p.^a dormirem Criada[o]s*.”⁶²

A “*caza ouvada (...) com sua companheira semelhante que está no quarto de homem (...) termina nobremente o Pateo*” porque também tem cúpula e pode, como aquela, “*dar entrada no passeio [elevado] podendo fechar de maneira que fique rezervado somente para as pessoas nobres*”⁶³.

As mezaninas

Em quase todos os palácios lisboetas da Idade Moderna há sótãos ou espaços de aproveitamento sobre o andar nobre, geralmente secundarizados nas fachadas ou mesmo escondidos do olhar exterior, destinados aos quartos da criadagem e, eventualmente, de alguns filhos e filhas mais novos. Nos palácios construídos ou reconstruídos em Lisboa nas últimas décadas do século XVII e nas primeiras do seguinte (embora as edificações desta cronologia não detenham esse exclusivo), é regra que, para as mesmas funções, se crie um andar de baixo pé-direito que aproveita a enorme diferença de altura entre os tectos das salas principais — de masseira, em abóbada, ou com qualquer sistema construtivo que lhes dê profundidade — e os compartimentos do mesmo piso mas de tecto plano. Esta solução, que, aliás, também é comum, ainda que com variantes mais eruditas e complexas, em palácios italianos desde o século XVI, é também a que propõe o conde de Tarouca para o palácio do monteiro-mor. Talvez por isso faça questão, como já foi referido, em nomear as “*cazas*” desse piso secundário pela “*excepção Italiana de mezaninas*”.

As dimensões das janelas das mezaninas justificam que lhes chame “*frestas*” e não as usa na fachada principal nem nas fachadas laterais, por onde se distribuem quase todos os compartimentos de maior pé-direito, mas apenas viradas para o pátio ou para a travessa do Jaques, nas traseiras. A única excepção é a sala central que, por ter ainda maior altura que as restantes, justificaria ter essas pequenas aberturas sobre as janelas grandes que deitam para a varanda, provavelmente na base da cobertura em cúpula: “*Nestas tres fachadas não haveria frestas em cima das janelas nobres, mais do que na sala, e somente se hão de por frestas*

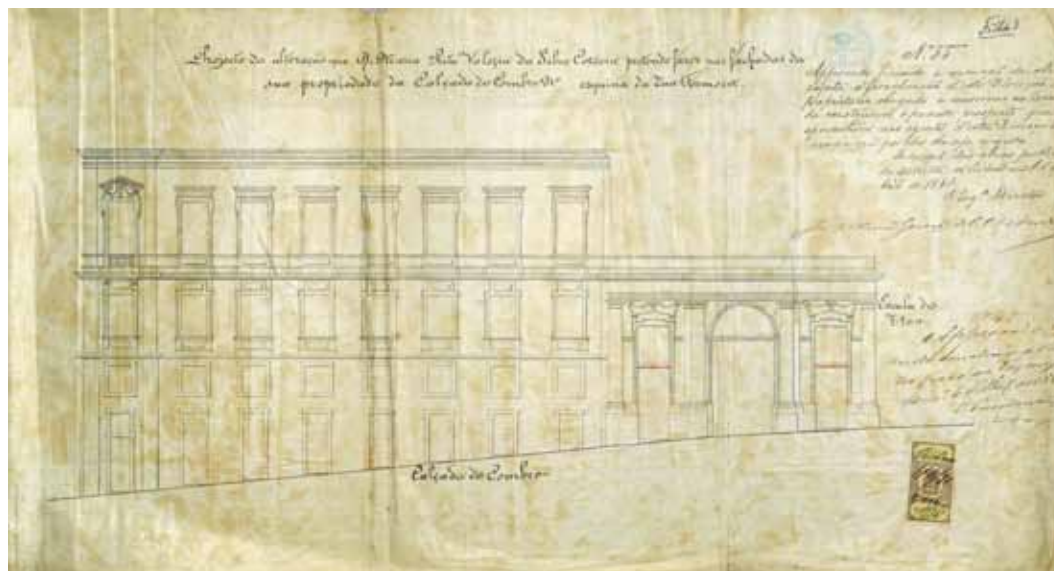


Ilustração 7
Desenho do alçado principal do palácio do monteiro-mor.
 ©ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA (Lisboa), Núcleo Intermédio, Processo n.º 45664, fl. 3 (1881).

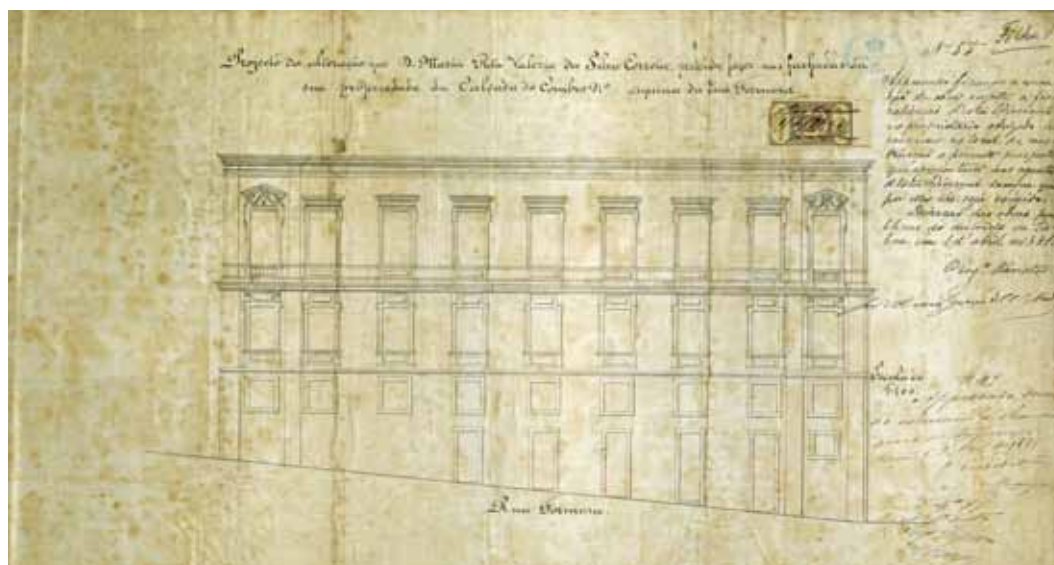


Ilustração 8
Desenho do alçado lateral esquerdo do palácio do monteiro-mor.
 ©ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA (Lisboa), Núcleo Intermédio, Processo n.º 45664, fl. 4 (1881).

nas paredes para a Travessa do Jaques, e nas paredes interiores para o Pateo, em razão de que por essas partes houvera cazas de creados, e creadas (...). Informa-nos também o conde que haverá mezaninas separadas “humas para mulheres, e outras para homens” e que são acessíveis por escadas “particulares”, uma, no interior do quarto da senhora, “que vem do quarto baixo a qual he de seis palmos de largo, bem melhor que as particulares mui estreitas

de Santos Pacheco, e em cima della ha outra do mesmo feitio pella qual hão de sobir as creadas para as mezaninas (...)”, outra no interior do quarto de homem, *“de cinco palmos que desse para o quarto baixo // por cima da qual sobe outra semelhante para as mezaninas, que hão de ocupar os creados”*. Ficamos também a saber que, ao contrário do que acontece no andar nobre, onde não há corredores, *“Nas sobreditas mezaninas ha de haver repartimentos, e corredores, como se mostrará na planta dellas a seu tempo (...)”*⁶⁴,

Só fica a dúvida se a zona a que o conde de Tarouca chama, nas “Anotações”, *“quarto segundo”* se situa ou não também nas mezaninas. O que é certo é que é *“composto de Cazas pequenas, o qual pello tempo adiante pode bem servir para huma sogra (...)”*⁶⁵.

CONCLUSÕES

Pelas próprias palavras do conde de Tarouca, João Gomes da Silva, mesmo descontando o exagero da sua prosápia, confirma-se que ainda não era comum, em Lisboa, a construção de palácios com a magnificência, a simetria e a racionalidade que ele queria imprimir ao palácio do monteiro-mor seu filho.

Porém, o todo arquitectónico que hoje vemos, apesar da regularidade e uniformidade das fachadas exteriores, deve ser, como quase sempre acontecia em Portugal, o resultado das intervenções e das recomendações de diferentes arquitectos realizadas antes, durante e depois dos projectos de reedificação e de alterações enviados de Viena pelo conde de Tarouca. Esses projectos, que conhecemos apenas pelas cartas que os acompanhavam, permitem-nos concluir que o seu autor pretendia realizar uma arquitectura de cariz internacional e com poucas concessões aos modos de conceber e utilizar a casa nobre pelos portugueses, mas recorrendo maioritariamente aos seus hábitos construtivos⁶⁶. No entanto, a divisão em dois “quartos” simétricos separados pelo salão (e pelo saguão) não seria novidade em Lisboa, pelo menos enquanto intenção de projecto, já que o desenho que se supõe ser de finais do século XVII e representar o palácio do Cunhal das Bolas, embora mais rudimentar ou ingénio, já propunha esse tipo de organização (ver figura 2).

Da análise da correspondência entre pai e filho, verificamos alguma preocupação com o conforto relacionado nomeadamente com a presença de chaminés em diversos compartimentos:

(...) no quarto [ângulo] lhe pus a chemine, moda que os estrangeiros tem introduzido porque provão que esta sorte de chemines // deixão chegar para ellas mais gente a hum mesmo tempo, e aquentão maior porção da caza.” e “Fis huma caza de vinte seis palmos no maior comprimento, sobre dezaseis, e meio de largo, para nella se comer em particular com a familia para o que não

he imprópria a porção que tem de circulo adonde leva chemine pellas mesmas rezõens que dei a respeito da chemine da caza de lavor. ⁶⁷

Essa preocupação, porém, tendo em conta a documentação que foi possível reunir, nomeadamente a desenhada, não é tão nova nem tão rara quanto os testemunhos, sobretudo de estrangeiros, têm feito crer. As chaminés estão desenhadas em quase todos os compartimentos na planta do dito palácio do Cunhal das Bolas, por vezes duas chaminés por divisão, e a necessidade da sua presença é corroborada pela já referida legenda onde se recomenda a construção de chaminés em “(...) *todas as Cazas assim dos amos como de todos os criados*”⁶⁸.

Também podemos concluir que a especialização funcional que começa a desenvolver-se em Portugal em meados do século XVIII não estaria particularmente desfasada do que se passava na Europa Central, já que João Gomes da Silva não desenha ainda aquela que é uma das divisões mais modernas do século XVIII — a casa de jantar. Na verdade ele propõe para o “quarto da senhora” uma sala destinada às refeições tomadas em família, na intimidade, mas pressupõe que as refeições tomadas em público sê-lo-ão nas antecâmaras. Para isso até precisa de um espaço específico de apoio, o “aparador”, que mais não é que uma copa. E no que se refere a corredores, que, em geral, vão-se estendendo das zonas de serviço para as outras áreas da habitação na segunda metade do século XVIII, ainda só existem nas mezaninas do palácio do monteiro-mor onde ficavam os aposentos dos criados e quanto muito, como concede nas suas “Anotações”, “*para Filhas, ou filhos*”⁶⁹ mais novos.

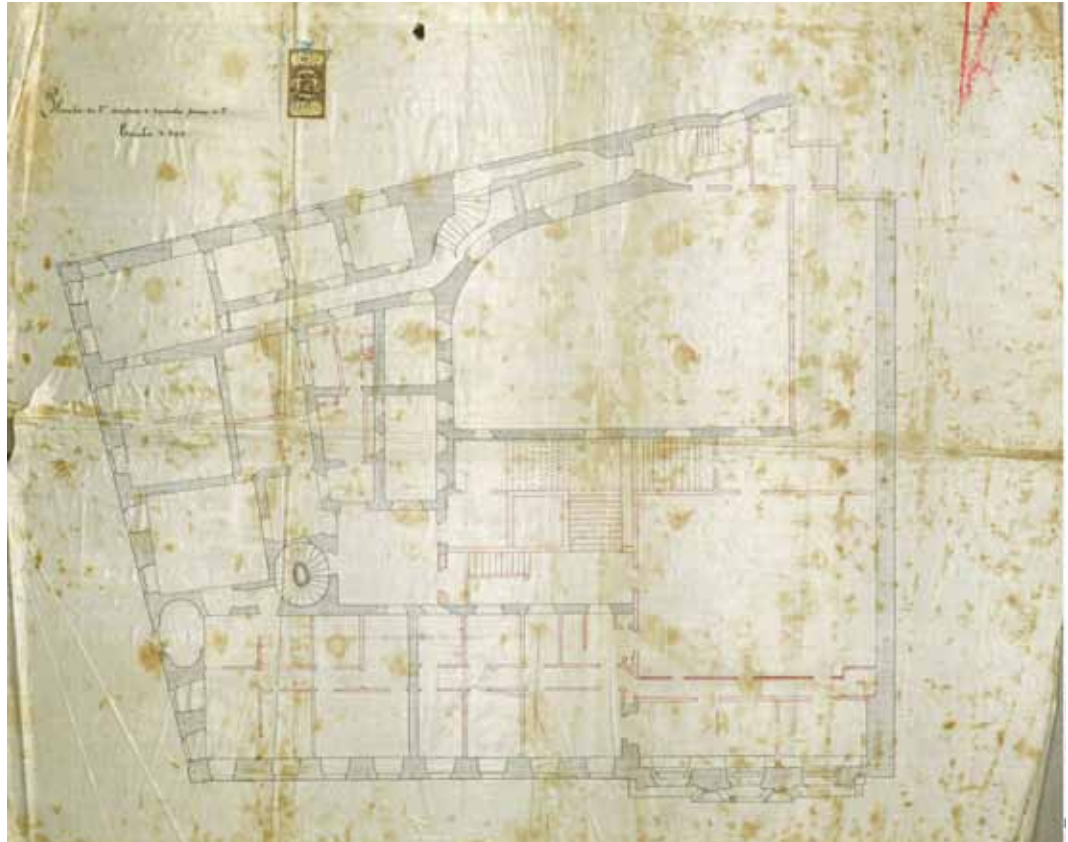
A este respeito, contudo, o mesmo autor anuncia já uma mudança de mentalidade quando alude ao facto de projectar, no andar nobre, “(...) *huma caza para os filhos que não morarem no quarto baixo* (...)”⁷⁰, possivelmente para os filhos mais velhos, ou quando informa: “*Fis junto a esta [casa] hum gabinete para os ditos Filhos* (...)”⁷¹, o que denota uma mudança do papel dos jovens no contexto da habitação senhorial, esbatendo a tradicional distância entre pais e filhos. Mas só na sua invectiva contra as saletas é que é peremptório, recusando-se terminantemente a incluí-las no projecto com esse nome e respectiva função e com a dimensão que se adivinha correspondente:

Nada he tão extraordinário como a maldita introdução das nossas saletas, pois que se passa da grande sala para a primeira grande Antecamara por huma pessa pequena contra todo o uso do mundo. O motivo he de que na saleta assiste a creada, chamada Donna // Mas qual he a rezão porque essa Donna não pode assistir em huma saleta grande que tenha a figura, e uso de antecamara? He porque as senhoras querem ter as suas antecamaras fechadas? He bem fechem

a terceira antecâmara, fechem a segunda, mas não fechem a primeira, e esta seja publica patente a toda a familia como se fosse saleta. Eu segui este expediente, mas porque a Donna com os seus costumados flatos de ventosidade se não queixa se de frio em casa grande lhe destinei felizmente huma casinha separada e immediata de donde veja ao mesmo tempo quem entra pella sala, e primeira antecâmara, e quem vem pella escada particular do quarto baixo, de sorte, que nada pode escapar a vigilância desse Argus com capelo, conservando eu por este modo a ordem pompoza do quarto nobre, e essa foi a principal reforma do nosso estilo que pratiquei na minha planta.⁷²

O palácio que hoje existe, seja qual for o projecto ou os projectos que mais se reflectem na actual construção, corresponde a pouco mais de metade do que seria a intenção inicial. Inclui aproximadamente a área destinada ao quarto da senhora e ao salão e não atende a grande parte das recomendações e desejos do pai arquitecto amator. Só um estudo mais

Ilustração 9
Planta do piso nobre do
palácio do
monteiro-mor.
©ARQUIVO MUNICIPAL
DE LISBOA (Lisboa),
Núcleo Intermédio,
Processo n.º 45664, fl. 6
(1881).



específico poderá determinar se, ao menos, estarão nele reflectidas, como parece, algumas das alterações que o conde de Tarouca condescendeu em fazer nas anotações anexas à sua última carta.

NOTAS

¹ Segundo filho do Marquês do Alegrete e conde de Tarouca por casamento com a 4ª condessa de Tarouca, D. Joana Rosa de Menezes.

² Também Fernão Teles da Silva obteve este cargo honorífico por casamento com D. Maria Josefa de Melo (1705-1744), filha do anterior monteiro-mor do reino D. Francisco de Melo.

³ Onde viveu desde 1725 até à sua morte, em 1738, como representante diplomático da coroa portuguesa.

⁴ BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA, Cód. CX/1-6, n.º 25. Estes documentos, publicados em anexo a esta comunicação, foram lidos e transcritos pela co-autora Maria João Pereira Coutinho e por si apresentados e interpretados publicamente, em linhas gerais, numa comunicação ao IV Congresso de História de Arte Portuguesa intitulada “O palácio do Monteiro-Mor e a visão da arquitectura civil lisboeta na primeira metade de Setecentos por João Gomes da Silva (1671-1738), 4.º conde de Tarouca”, publicada em *Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa de Homenagem a José-Augusto França*. Lisboa: Associação Portuguesa de Historiadores de Arte, 2012. pp. 77-84 (cd-rom).

⁵ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25, fl. 1 v.º.

⁶ CARITA, Hélder - *Tipologias de casa nobre no tratado do Arquitecto José Manuel de Carvalho e Negrinhos*, (Texto policopiado apresentado em Agosto de 2010 no III Encontro de Museus-Casa no Rio de Janeiro, na Casa de Rui Barbosa); MIGUEL, Pedro Lopes Madureira Silva - *Descobrir a dimensão palaciana de Lisboa na primeira metade do século XVIII. Titulares, a corte, vivências e sociabilidades*. Lisboa: [s.n.], 2012. Dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; ALBERGARIA, Maria Isabel Whitton da Terra Soares de - *A casa nobre na ilha de S. Miguel : do período Filipino ao final do Antigo Regime*. Lisboa: [s.n.], 2012. Tese de Doutoramento em Arquitectura apresentada ao Instituto Superior Técnico.

⁷ BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, *Secção de Iconografia*, D. 147 A. Publ. por CARVALHO, Ayres de - *Catálogo da Coleção de Desenhos*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1977. p. 104.

⁸ A própria atribuição, “escrita a lápis no verso do desenho”, é atribuída por sua vez ao olisipógrafo Augusto Vieira da Silva por Ayres de Carvalho, *idem, ibidem*.

⁹ BNP, *Secção de Iconografia*, D.148 A. Publ. por Ayres de CARVALHO - *op. cit.*

¹⁰ *Idem, ibidem*.

¹¹ COUTINHO, Maria João Pereira - *op. cit.*

¹² Hoje em dia preferencialmente chamados *nembos*, embora o termo *membros* ainda possa ser usado em português com o mesmo significado.

¹³ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25.

¹⁴ *Idem, ibidem*, fls. 21-21 v.º.

¹⁵ O seus nomes próprios também aparecem frequentemente pela ordem inversa e sem hífen — Charles Augustin — e o seu apelido indiferentemente grafado d’Aviler ou Daviler.

¹⁶ AVILER, Augustin-Charles d' - *Cours d'architecture qui comprendre les ordres de Vignole, avec des commentaires, les Figures & Descriptions de les plus beaux Batimens, & de ceux de Michel-Ange, plusieurs nouveaux desseins, ornemens & préceptes concernant la distrubuiion, la décoration, la matiere & la construction des edifices, la maçonnerie, la charpenterie, la couverture, la serturerie, la menuiserie, le jardinage, & tout ce qui regarde l'art de batir; avec une ample explication par ordre Alphabetique de tous les termes / par le Sieur A. C. Daviller Architecte.* Paris: Nicolas Langlois, 1691-1693 (2 vols.).

¹⁷ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25.

¹⁸ MUET, Pierre Le - *Maniere de bâtir por toutes sortes de personnes.* Paris: Melchior Tavernier, 1623.

¹⁹ BLONDEL, François - *Cours D'Architecture.* Paris: Lambert Roulland, 1675-1683.

²⁰ GUARINI, Guarino - *Disegni di architettura civile ed ecclesiastica.* Turim: Gianfrancesco Mairesse, 1686.

²¹ ROSSI, Domenico de - *Studio d'architettura civile.* Roma: [s.n.], 1702.

²² O arquitecto italiano Antonio Canevari trabalhou em Portugal entre 1727 e 1732.

²³ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25.

²⁴ *Idem, ibidem*, fl. 18 v.º.

²⁵ Entre os quais, mais recentemente MIGUEL, Pedro Lopes Madureira Silva - *op. cit.*

²⁶ “Numa escritura lavrada a 14 de Maio de 1728 na cidade de Lisboa ocidental, junto á Cruz de Pau, e Rua Direita da Calçada do Combro, no aposento de D. João de Sousa, Dom Prior da Colegiada da vila de Guimarães, disse êste que, como representante e procurador de Francisco Pereira da Silva Pacheco, fidalgo da Casa Real e comendador da Ordem de Cristo, e de sua mulher, D. Caetana Josefa Alberta de Lencastre, moradores em Faro, havia feito venda a Lázaro Leitão da propriedade de casanobres em que este vivia na dita Rua Direita da Calçada do Combro á Cruz de Pau (...)”, LAMAS, Arthur – *A casa-nobre de Lázaro Leitão no sítio da Junqueira.* Lisboa: Edição do autor, 1925. p. 77.

²⁷ “Num apontamento intitulado: «Soma de toda a despeza feita em obras de pedra e cal (...)», assinado mas não escrito por Lázaro, lê-se: «Casas nobres do Bairro Alto. (...) Reedificação das d.ªs, escadas, frontarias, e toda a mais obra que nellas fiz depois que as comprei 23:604\$586»”, LAMAS, Arthur – *op. cit.* p. 80.

²⁸ SILVA, Augusto Vieira da - Sítio e palácio do Marquês do Alegrete. In *Dispersos*, Vol. I. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1954. p. 325-347.

²⁹ ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO, *Cartório Notarial de Lisboa*, N.º 9 A (actual n.º 7), Cx. 63, L.º 351, fls. 69 -70. Vide ainda ANTT, CNL, N.º 12 A (actual n.º 1), Cx. 89, L.º 395, fls. 61 v.º- 63.

³⁰ “QUARTO. Substantivo (...)”

Quarto no edificio. A parte de huma casa grande, com serventia separada. *Aedium pars, tis. Fem. AEdificii membrum, i Neut. Columel. Plin. Jun.* Tem quarto sobre o jardim. *In eâ aedium parte habitat, ex qua prospicitur in hortum.* Fiz destas casas o meu quarto. *In hac aedium parte meam mihi habitationem selegi.*

O quarto, que os homens habitão. *Audron, onis. Vitruv.* O quarto das mulheres. *Gynaecium, i. Neut Vitruv. Cit. Andron, & Gynaecium* são palavras Gregas. Casas, que tem tres quartos. *Domus tribus membris, ou regionibus distincta.*”, BLUTEAU, Rafael - *Vocabulário Portuguez e Latino, aulico, architectonico, bellico, (...)*, Tomo VII. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1718. p. 23.

³¹ BONIFÁCIO, Maria de Fátima (ed.) - *Memórias do Duque de Palmela.* Lisboa: D. Quixote, 2011. p. 82-83.

³² “Casa. Peça, ou parte do edificio. Aposento (...)”, BLUTEAU, Rafael - *op. cit.*, Tomo II. p. 173.

³³ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25, fl. 40 v.º.

³⁴ “SAGUAÕ, ou Çaguaõ. Segundo o Vocabulario do Arcebispo de Granada, he palavra Arabica, & val o mesmo que lugar cuberto na entrada de hũa cafa. *Vestibulum, Pronaum, & Propylæum, i. Aeut.* São as palavras Latinas, que tem mais analogia com *Saguaõ*, porèm não são propriamente isto. (...)”, BLUTEAU, Rafael - *op. cit.*, Tomo VII. p. 432.

³⁵ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25.

³⁶ *Idem, ibidem*, fl. 7 v.º.

³⁷ Cf. com a descrição da Casa-Nobre de Lázaro Leitão na Junqueira feita em meados de setecentos em LAMAS, Arthur – *op. cit.*, p. 146-147.

³⁸ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25, fl. 8 v.º.

³⁹ *Idem, ibidem*, fl. 10.

⁴⁰ *Idem, ibidem*.

⁴¹ *Idem, ibidem*, fl. 9.

⁴² Como ainda se pode ver em toda a sua plenitude no Palácio do Marquês de Tancos e ainda se reconhece ou reconhecia há pouco tempo no Palácio dos Condes de Redondo, no Palácio de Xabregas (conhecido por Palácio do Marquês de Olhão), ou no chamado Palácio do “Bichinho de Conta”, todos em Lisboa.

⁴³ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25, fl. 9.

⁴⁴ BLUTEAU, Rafael - *op. cit.*, Tomo IV. p. 149.

⁴⁵ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25, fl. 11.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, fl. 12.

⁴⁷ *Idem, ibidem*.

⁴⁸ “GABINETE. Gabinéte. Derivase do Francez *Cabinet*, que tambem significa Camara, Camarim & Contador. Aposento particular do Principe, ou Ministro, em que estão os papeis, & em que se tratão de negocios de mayor importancia. *Conclave, is. Neut. Terent. Conclavium. is. Neut. Sueton, in vita. Domit.* Para se tirar toda a ambiguidade, podeselhe accrecentar o adjectivo *Secretius*. Retirarse o Emperador ao *Gabinete*; torna a ler o memorial. Vieira, Tomo I, p. 1045”, Rafael BLUTEAU - *op. cit.*, Tomo IV. p. 3-4.

⁴⁹ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25, fl. 42 v.º.

⁵⁰ *Idem, ibidem*.

⁵¹ *Idem, ibidem*.

⁵² “CAMARIM, Camarím. Aposento, em que se tem as peças mais raras, & mais preciosas. *Cella, in qua res raræ, eximie, pretiosæ, reconditæ sunt*, ou em huma só palavra, tomada dos Gregos, & que os mais doutos não tem escrupulo de alatinar, *Cimerliarchium, ij. Neut. (Penult. long.)* Alega Vosso com esta palavra do Codex, Tit. XI. de Agric. & cent. como se naquele lugar fora escrita em Latim, mas está escrita em Grego”, BLUTEAU, Rafael - *op. cit.*, Tomo II. p. 71.

⁵³ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25.

⁵⁴ *Idem, ibidem*.

⁵⁵ “ESCAPARATE. Escaparâte. Receptaculo de pao, ou de outra materia, com vidros grandes, pellos quaes se vem os brincos, & peças preciosas, que nelle se encerrão. *Armarium, vitreis laminis instructum, in quo res rara, eximie, pretiosæ reconditæ sunt*”, BLUTEAU, Rafael - *op. cit.*, Tomo III. p. 208.

⁵⁶ “RETRETE. Aposento pequeno, & recolhido na parte mais secreta, & apartada da casa, & assim parece, que se disse do Latim, *Retro. Cubuculum secretum, i. (...)*”, BLUTEAU, Rafael - *op. cit.*, Tomo VII. p. 308.

⁵⁷ *Idem, ibidem*.

⁵⁸ “APARADOR, Aparadôr. A meza, ou casa, em que está o aparato dos pratos, & vasos, de que usa a nobreza, *Vid. Copa*, que he mais portuguez. (...)”, BLUTEAU, Rafael - *op. cit.*, Tomo I. p. 417.

⁵⁹ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25.

⁶⁰ No entanto, ao consultarmos, por exemplo, a obra Augustin-Charles d’ AVILER, *Cours d’architecture : qui comprend Les ordres de Vignole* (...) encontramos um capítulo intitulado “Des Niches en general” que nada nos diz que vá ao encontro da ideia do conde de Tarouca. AVILER, Augustin-Charles d’ - *op. cit.*, p. 168-179.

⁶¹ “ALCOVA, Alcôva, ou Alcoba. Derivase do Arabico *Cuba*, que val o mesmo, que cova, he na parte de um aposento mais recolhido hum lugar abrigado, em que está o leito. (...)”, BLUTEAU, Rafael - *op. cit.*, Tomo I. p. 226.

⁶² BNP, *Secção de Iconografia*, E. 291 V.

⁶³ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25.

⁶⁴ *Idem, ibidem*.

⁶⁵ *Idem, ibidem*, fl. 21 v.º.

⁶⁶ “Conforme o documento antigo *si fueris Rome, Romano vivito more*, deveis edificar na maior parte seguindo o metodo Portuguez, mas isso não impede que emendeis em algumas circunstancias o dito nosso método, reflectindo no que tem de bom, os das outras naçoens”, *idem, ibidem*, fl. 4.

⁶⁷ *Idem, ibidem*, fl. 11.

⁶⁸ BNP, *Secção de Iconografia*, D.148 A.

⁶⁹ BPE, Cód. CX/1-6, n.º 25, fl. 37 v.º.

⁷⁰ *Idem, ibidem*, fl. 12 v.º.

⁷¹ *Idem, ibidem*.

⁷² *Idem, ibidem*, fl. 5 v.º.

1. CARTA DE JOÃO GOMES DA SILVA A SEU FILHO FERNÃO TELES DA SILVA. VIENA DE ÁUSTRIA, 14 DE ABRIL DE 1734.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA, Cód. CX/1-6, n.º 25, fls. 1 a 17 v.º.

“Paragrafo 1.º Meu Filho do meu coração Persuadindo a reza[o] e o amor a que se satisfação as pertençõens dos Filhos quando são justas, e licitas, não podia eu escuzar me de fazer o que me pediste em mandar vos promptamente huma planta para a casa que quereis fabricar; Não sei se acertastes em vos entregar a minha direcção nesta matéria, porque em todas se deve recorrer aos professores, antes do que aos simplesmente curiozos que se ocupão nas artes por divertimento, e não por emprego; assim me succede a mim na Architectura, ou militar, ou Civil, nas quais não merece outra autoridade, mais que a de ter visto muito. Duvidei se dezejaveis que eu mesmo inventase a planta, ou a fizese inventar por outrem, e ainda que o segundo meio seria talvez o mais sesudo, como o primeiro era o mais affectuozo, enpenhou me o carinho a trabalhar nesta, no que me não deveis pouco, pois que não trago, há tempos, animo para applicaçõens engenhozas.

2.º Por essas rezõens vos aconselho em primeiro lugar, e athe mando que não vos prendais a seguir o meu invento porque he totalmente oposto aos dos Architectos que ahi consultaste, e eu em algumas partes delle deitei por caminho tão novo, que [he] / fl. 1 v.º / mui possível que não sejam da approvação geral. Deixo vos total¹ para a escolha, e suposto, que haja actos em que os Conselhos dos Paes são preceitos, no de edificar por hum modo, ou por outro² milita aquella regra He huma deliberação que se costuma regular unicamente pello gosto de cada hum, e he hum Capricho que se dispensa de obediências, ou atençõens comtanto que não passe a mui desordenado. Finalmente para que perçebais bem com quanta sinceridade procuro que vos não constrangais (sic) a executar o meu dessenho me explicarei com este exemplo. Se vos quizeis agora fazer hum vestido azul, e eu vos disesse que antes o fizésseis vermelho por ser essa cor mais da moda, ficaríeis vos por ventura obrigado a seguir em modas hum velho, que por seudeza, nem deve cuidar, nem entender muito dellas?, certamente não ficaríeis. Ora isso mesmo observai nesta planta.

3.º Em segundo lugar vos aconselho, que antes de tomares a empreza de huma casa magnifica, pezeis bem a sua importância porque, sendo muito agradável para as Familias Illustres terem nas Cortes moradas boas, e próprias, devem tambem reflectir em que se hum Palaçio lhes custa por exemplo duzentos mil cruzados esses empregados em fazendas lhes renderião dez, e podia ser lhes mais conveniente augmentar de muito a renda anual, do que a Pompa. Bem

considero, que vos vedes forçado a continuar a obra que achaste começada, mas, como por experiencia geral / fl. 2 / o apetite de edificar costuma embebedar os homens, tomo a precaução de lembrar vos que sois administrador, e não Dono da obra que empredeis, e esse he o motivo que eu tive para estudar nesta planta, que parecendo ella de grande custo, o não fosse realmente, como abaixo hirei mostrando por partes.

4.º Assentando nestas duas advertências de não vos constrangeres a seguir o meu dessenho, e de não vos corromperes pello gosto de fazer edificação pompozo passo a explicar vos o que entendo sobre as plantas que me communicastes, e sobre a que formei, e vos invio.

5.º A de Messier he absolutamente impropria para hum Fidalgo em Lisboa, e somente boa para hum banqueiro em Paris. Não tem quarto para homem sobre, nem mais do que huma antecamara grande para Mulher; tem escada sem sabor, e em algumas circunstancias irregular, alem do defeito dos tabuleiros serem mais estreitos que o comprimento dos degraos. Tem muitas imperfeições nos que chamão os Francezes tremaux, e nos dizemos membros entre as janelas, e portas; emfim não há couza alguma que a recomende se não a de custar menos que as outras.

6.º A de Canevari he tão condenavel, que se não pode ver sem enfado, e indignação, consistindo o meu principal reparo em que hum tão pobre engenho como o que se lhe conhesse pella planta se atrevesse a hir servir a el Rey. Nos riscos que vierão não se descobre qual era o seu intento no quarto alto, mas eu o infiro / fl. 2 v.º / dos disparates que fez no quarto baixo, e no outro que dizemos³ da rua, o qual somente vem signalado nos ridiculos Almazeins infinitamente custozos que elle ordenava para a parte da Travessa do Jaques. A sua escada custaria muito, e tem os degraos mais estreitos nas passadas do que devem ser. Para a praticar estreitou com extremo todo o principal corpo do edificio, deitando fora algumas das casas novas que já tendes feitas, e o que sobre tudo me escandaliza da tal escada como inamissivel he que para entrar della no quarto baixo se serve de huma baranda descuberta, e muito má. Os cantos quadrados da escada no pateo darião nelle grande prejuízo, e por esta rezão os fis eu redondos na minha escada. Para huma tão má casa vos cortou muito a fachada sem se aproveitar nobremente da luz que ganhava para a parte da Igreja do Loreto, e neste mesmo erro cahio Messier. Vos me pareseis mui namorado do seu Portal, ao qual impropriamente chamais pórtico, porque Portico na Architectura he outra couza, e esta palavra não tem sinonimo em Portuguez senão talvez o de Alpendre; mas devo declarar vos que este portal, sendo de grande despeza porque em Lisboa custaria muito por falta de pedreiras as suas Colunas, Pilares e ombreiras inteiras, não he tão bom, como vos cuidais, e somente nesta corte de Vienna apontarei mais de doze melhores do que elle. Eu me espanto na verdade de que o dito portal fosse m[esmo] louvado pello Marquez de Abrantes, porque o Marquez, ainda / fl. 3 / antes de hir a Roma, e já quando eu vim desse

Reyno entendia bem a Architectura. Foi fortuna para vos que Canavari sahise de Lisboa.

7.º A planta finalmente de Santos Pacheco, ou de Diabos Pacheco he na verdade a couza mais monstroza que vi fazer a hum Architecto, se he que elle se pode chamar Architecto, he huma massa de pedra e cal com tantas paredes, e tais grossuras nellas, que se as mandar medir como se pagão aos Empreiteiros, e como eu hei de medi las se houver tempo, achareis que tem grande quantidade de pedra, e cal, mais do que a da minha planta, e não ha maior imprudência nos directores de edifições, do que empregar muitos materiais sem necessidade, devendo advertir se que a cal nesse Pais hia melhor do que nos estrangeiros, e como ahi temos a regra assertada, de que nas casas que não são de abobada não hão mister as paredes mais grossuras do que a decima parte da largura da casa, vejo o excessivo gasto de balde, que elle ordenava; Alem de não haver nem bom gosto, nem ordem, nem regularidade de Corpos e de membros, nem propriedade de uso em muitas das suas pessas fez os mais torpes resgamentos de janelas que eu já mais vi; muitas dellas tem o que ahi chamamos viagem, e contra viagem, o que em janelas se não pode perdoar: tambem eu não perdoo este defeito nas portas, mas reconheço que as vezes nos riscos parece não havendo, que ha viagem, e contra viagem em algumas portas / fl. 3 v.º / quando a parede de huma casa cahe obliquamente sobre a parede de outra casa, porque emtão os chamados enchalsos que estão perpendiculares para huma casa não o estão para a outra e com isso justifico duas portas da Camara na minha planta. Na escada do tal Pacheco se faria grande despeza porque os degraos seriao, como ahi se chama de engauchido que são lavrados por riba, e por baixo, e isso dobra o custo, a que se ajunta o dos balaústres, e corrimoens. Sobre o defeito de pouca luz teria o dos lanços compridos, porque em dezasete degraos ja ha descompostura para as Senhoras. Poucas vezes se vira em huma mesma planta nove escadas diversas como se observa nesta, e todas maas. Não compreendo a rezão porque fez no quarto baixo huma janela falsa para a rua formosa, e Canevari fazia mais outra para a calçada do Combro, e eu nunca as posso sofrer porque são defeito; Mas o não he que tudo o que elle fabricou embaraça notavelmente para a continuação do edificio.

8.º Quem preferise a todas as conçideraçoes a de querer esta casa bem regular havia de derrubar a parede da rua formosa aproveitando se das pedrarias, e deixando em pé o que está feito para a calçada do Combro, mas eu atendendo ao segundo conselho que vos dei no principio desta Carta de poupar despeza, rezolvi me / empregando grande applicação / a conserva la inteiramente, e a não demolir pessa alguma das que estão já formadas, fazendo somente / fl. 4 / para melhora la as pequenas mudanças de chemines, ou portas que achareis marcadas com cor diferente em huma pequena planta daquillo que ja tendes feito, a qual mando só para mostrar as emendas. Especialmente he preçizo transplantar a chemine posta já na parede exterior que olha para a Igreja das Mercês, porque em Palaçios não se admite chemine nas paredes exterior-

res, e isto mesmo determinarão Canavari, e Missier. Tambem aboli huma chemine que furaria o pavimento da terceira antecâmara, e transplantei a chemine que me prejudicava a o oratório, mas athe conservei huma torpe escadinha obscura, que não sei de que vos serve.

9.º Não posso encobrir alguma vaidade que formo da passiença e fleima que me foi preçiza para accomodar tão extraordinárias paredes a que servisem para hum quarto bem nobre, o qual quando alguém o não ache de bom gosto, não lhe pode negar a magnifizença Em hum mez que vos auzenteis dessa vossa morada actual podeis fazer nella as mudanças neçessarias para que as paredes do dito quarto baixo recebão sobre ellas as paredes do alto, e a vista dessas mudanças conhecereis que não necessitava o Pacheco de formar tão torpes paredes, como as das casas que correm pella rua formosa.

Quando o ângulo de hum edificio he obtuso basta dar figura extraordinária a huma só casa como eu fis no oratório para salvar a irregularidade das outras Casas, e não devia aquelle homem hir metendo cada casa em esquadria separadamente a custa de tão grossas / fl. 4 v.º / paredes, sem utilidade, e de torpeza nas janelas. O seu principal erro foi o não sacrificar huma porção do vosso sitio para a parte da rua formosa, e assim meter o edificio todo em esquadria visto que tinheis tanto terreno. Eu pago agora a sua tontice porque não posso pella travessa do Jaques encubrir a fialdade, suposto que a dissimulo quanto he factivel, formando pella dita Travessa / na qual nunca podia haver fachada / diversos corpos entre si regulares, os quais metem o grande corpo do edificio na possível regularidade. Observai hum cunhal que cobre o angulo obtuso de duas paredes de frente da Igreja das Mercês. Esse he o lugar por donde Santos Pacheco devia cortar o vosso terreno, ainda que perdesse assas porção do sitio para assim ganhar a esquadria exterior do edificio.

10.º Refutando pois inteiramente os sobreditos tres Architectos, começarei a explicar a minha planta, mas quero primeiro apontar vos huma necessária conçideração. Conforme o documento antigo *si fueris Rome, Romano vivito more*, deveis edificar na maior parte seguindo o metodo Portuguez, mas isso não impede que emendeis em algumas circunstancias o dito nosso método, reflectindo no que tem de bom, os das outras naçoens. Os Italianos, mestres absolutamente de algumas artes, como a da Architectura, escultura, Pintura, Musica, etc., fazem Palaçios vastos, sabem melhor de que outra gente aplicar lhes os ornamentos, e ajustar lhes as proporçoens, mas cuidão pouco nas commodidades, e agazalhos para viver nelles, / fl. 5 / e na economia dos repartimentos. Os Françaes querem, mas infelizmente, igualar o estudo, e acerto dos Italianos, e nem o logrão nem conseguem formar boms edificios, açertão porem, e com ventagem a os Italianos no trabalho primorozo de madeira, com que enfeitão por dentro os gabinetes, e pessas semelhantes. Os Inglezes, e Hollandezes ignorão a Architectura, mas tem particular habilidade para aproveitar os terrenos, e ganhar todos os cómodos possíveis, distin-

guindo se com especialidade os Holandezes em poupar materiaes, de sorte que se as outras noçoens, fortificação as paredes para sustentarem os madeiramentos, elles compõem, e enlião a travação das madeiras de hum modo que ellas são as que sustentão as paredes. Os alemaes querem imitar os Italianos dispendiosamente com particularidade em Vienna, a donde de ordinario vem Architectos de Italia, mas não deixa de se conhecer aqui nas fabricas o mesmo humor grosseiro que ha em algumas outras couzas. Os Castelhanos não constroem nada bom por nenhum caminho, e sobre os Portuguezes não hei mister interpor juízo, mas somente agora condenarei nos nossos Palaços alguma couza, de que mui de propósito me aparte, porque nisso não fasso critica, mas fasso a minha defesa. Nada he tão extraordinário como a maldita introdução das nossas saletas, pois que se passa da grande sala para a primeira grande Antecamara por huma pessa pequena contra todo o uso do mundo. O motivo he de que na saleta assiste a creada, chamada Donna / fl. 5 v.º / Mas qual he a rezão porque essa Donna não pode assistir em huma saleta grande que tenha a figura, e uso de antecamara? He porque as senhoras querem ter as suas antecamaras fechadas? He bem fechem a terceira antecamara, fechem a segunda, mas não fechem a primeira, e esta seja publica patente a toda a familia como se fosse saleta. Eu segui este expediente, mas porque a Donna com os seus costumados flatos de ventosidade se não queixa se de frio em casa grande lhe destinei felizmente huma casinha separada e immediata de donde veja ao mesmo tempo quem entra pella sala, e primeira antecamara, e quem vem pella escada particular do quarto baixo, de sorte, que nada pode escapar a vigilância desse Argus com capelo, conservando eu por este modo a ordem pompoza do quarto nobre, e essa foi a principal reforma do nosso estilo que pratiquei na minha planta.

11.º Os merecimentos della tais, ou quais vos refiro por paragrafos distinctos, e numerados, por huma provida rezão, e he que quando vos quizeres replicar me sobre os ditos paragrafos mos sinaleis pellos seus números.

12.º Conservei o que estava feito sem embargo das suas irregularidades, antes lhe melhorei algumas, e conservei absolutamente todas as pedrarias que me avizaste que tinheis lavradas. Estendi a frontaria muito mais que Messier e Canavari; porque elles lhe farião dezasete janelas, e eu faço vinte huma; porem / fl. 6 / he menor que a frontaria do Santos Pacheco, porque elle faria vinte três, ocupando pella Calcada do Combro todo o vosso terreno, do qual eu corto treze palmos para que obrais nelle huma travessa dessa largura, suposto que inaccessivel as carruages, a qual Travessa dê luz a algumas casas do quarto de homem pella parte do Loreto. Como os principais enfeites das fabricas que lhes procedem dos seus proprios corpos são, arcos, barandas, colunas ou pilares, cupolas, áticos, tímpanos, e bons feitios de escadas procurei valerme de tudo isto com a moderação neçessaria, para enobrecer o Edifício.

13.º Empreguei as janelas ja lavradas, que são muito boas, das quais não haveis mister mais

que trinta sete, pois se hão de por somente nas tres fachadas, da calçada do Combro, da Rua formosa, e da parte do Loreto se he que dali tiveres luz, e se a não tiveres basta trinta. Nestas tres fachadas não haverá frestas em cima das janelas nobres, mais do que na sala, e somente se hão de por frestas nas paredes para a Travessa do Jaques, e nas paredes interiores para o Pateo, em rezão de que por essas partes haverá cazas de creados, e creadas, as quais cazas chamarei abaixo pella expressão Italiana de mezaninas. Achando se já feitos vários cunhais, ou pilares nas duas fachadas, fiquei forçado a imita los com outros, ainda que aquelles são defectuosos por estreitos, e por ter maos capiteis. / fl. 6 v.º /

14.º Fiz vinte cinco pessas no andar nobre, sem falar nas duas que servem so de conduzir para escadas particulares, o que não sei se haverá em Lisboa em outras Cazas de Cavalheros. Estas são o Oratorio, a Sala, treze Cazas para a Senhora, e dez para o Marido, sem que nem huma dessas Cazas se possa chamar pequena a respeito do serviço a que he destinada; nellas não me pairesse que falta alguma das que se dezejão para o uso, nem tambem há alguma que se julgue desnecessaria.

15.º Fiz em baixo o saguão de sessenta e hum palmos em quadro, capaz de voltarem dentro nelle os coches a seis Cavallos, o qual he como hum Peristilo formado por doze arcos, e por ter boa altura, e ter paredes fortes, com pilares, cercadas por toda a parte das escadas, pode ser de abobada com lunetas. Porem talvez que vos para cobri lo acheis ahi, ou mandeis vir do Norte vigas com tal commodidade que vos custem menos que as abobadas; se quizeres usar dellas, eu vos inviarei hum risco de como se ha de fazer o vigeamento de que ahi se não tem conhecimento. Tres daquelles arcos estão na entrada fronteiros aos tres que vão na rua, e vereis no risco do alçado que vos mando, pello do meio entrão os coches, e pellos dous juntos a elle sobem para a escada as pessoas que se apeão. Outros tres arcos opostos no saguão a estes vão para o Pateo, e sem embargo de terem vinte seis palmos de altura de luz / fl. 7 / plantados em cima de hum socolo de quatro palmos, e meio, o que tudo faz trinta, e meio. Ja ali passão por baixo da escada, e formão huma espeçie de pórtico a que chamaremos Alpendre. Dos seis arcos que estão nas ilhargas do saguão, em dous se metem ombreiras, e verga, que fazem huns chamados Portoens capazes de passarem por elles coches para o pateo, e em quatro, fechando os com paredes se metem portas para diversas serventias. Se eu quizera desperdicar dinheiro em colunas, e ornamentos faria este saguão digno de hum Príncipe, mas aconselho vos que o deixeis simples, porque certamente assaz enfeitado fica pella sua mesma figura regular, e podeis somente por lhe pilares de teijolo cubertos de estuque com bazes de pedra sobre o socolo assima dito, porque os coches não os maltratam. Elle será muito claro, porque ainda, que a maior parte da sua luz se queira chamar segunda, essa lhe vem por muitos arcos e mui altos, e a luz que vem pellos dous portoens he primeira.

16.º Fiz o pateo, para o qual vão os coches daquelle saguão, e he tão grande o tal pateo, que haverá muitos Palaçios em Lisboa que não têm tanto comprimento. Eu por necessidade o fiz de figura fora do uso, mas não desagradável, antes airosa, cabem nelle muitas carruages, e dá serventia para as offiçinas, estribarias, e cocheiras, adonde ha de haver vários portoens semelhantes aos dous / fl. 7 v.º / do saguão; Fecha se por huma Alameda, ou passeio de dezanove palmos de largo, sobre hum corpo de terra que não haveis de dezentulhar, mas revestir de muro, o qual muro termina em cima com grades, ou parapeito, que servem de resguardo a esse passeio, em que podereis por arvores. Elle será reservado, e commodo, porque fica ao nivel dos quartos nobres, e se a qualidade da terra não produzir arvores, sempre o podereis encher de laranjeiras em vasos, ou caixões que farão bella vista aparecendo por cima das grades, e muro para o pateo, e vos dispensarão de enfeitar esse muro com ornamentos de Architectura. Com tudo no ângulo reintrante que está no meio do tal muro será bom fazer huma fonte, ou gruta de embrechados rústicos que não custão muito, a qual por ficar de frente da porta, e entrada principal da rua, mostrará bella apparencia a quem passa pella Calçada do Combro. Se vos tivésseis poço nessa caza eu levaria com bem pouco custo a agua delle para a dita fonte, mas sempre esta será agradável se fizeres por detras da gruta, e enterrada no corpo do passeio, huma Maj de agua, com postigo para a Travessa do Jaques, pello qual se lhe introduzão pipas de agua, que em dia de função solemne sirvão de divertimento a os expectadores. Este grande pateo me pairesse que não seja adornado por pilares, nem com grandes faixas, nem com janelas de mais trabalho no feitio, que o mui ordinario, e que somente o corpo da escada saliente / fl. 8 / leve pilares de tejo com bazes, e socolo alto de pedra.

17.º Fis huma escada de treze palmos de largo, certamente para mim bella, porque nunca vi alguma que como esta cercasse por toda a parte a sala, e saguão, sem por isso impedir que da sala se entre nobremente para as antecamaras, e guardaroupas. A dita escada, que aos Ignorantes passará custoza, he a que se podia ahi fabricar com menos despeza, porque não tem corrimões primorosos, nem grades, nem hum so degrao laurado de engauchido, nem mais ornato, que de pilares em que vão rematar socolos de pedra declives, nos quais socolos encação os fins dos degraos. He muito clara, commoda, larga, e nada descomposta para as Senhoras o que tudo vereis na planta della, que me pareceu mandar vos, separadamente, formando a com grande petipé, e envolvendo a com a do saguão; ali se mostra que aproveitei os degraos que tendes lavrados. Como em cada hum lanço não ha mais que seis degraos, nem a escada he perigoza para creanças, nem pezoza para velhos.

18.º Fis a sala de sessenta e hum palmo em quadro como o saguão que esta debaixo, e nella pus doze aberturas de portas, e janelas. A porta que entra da escada para a sala tem aos seus lados duas janelas para a mesma escada, e estas são segundas luzes, mas quazi tão claras como pri-

meiras. Tem mais a sala outras duas janelas para a escada nas paredes das ilhargas, e tem duas portas para a primeira antecamara, e duas para a primeira / fl. 8 v.º / guardaroupa. Na parede para a parte da Calçada do Combros tem com luz primeira duas janelas, e huma porta, que, cahem para a baranda, em cima destas leva tres frestas para ainda mais luz semelhantes a outras tres frestas que dão para a escada, de sorte que quando tudo estiver patente ha de receber luz ou primeira, ou segunda por doze, ou janelas, ou frestas, sem falar na luz de duas portas, que fazem o mesmo effeito que as janelas. O pe direito da sala ha de ser maior que o resto do edificio com hum telhado mais alto, e eu o formaria em cupola redonda se não quizera evitar lhe a despeza de a cubrir de chumbo, quando o dito tecto basta que seja cuberto de telhas.

19.º Fis para ennobrecer a fachada huma baranda de cincuenta e nove palmos de comprido sobre dezasseis de largo a qual pus sobre a entrada principal, não por entender que na Calçada do Combros tenham muito uso barandas, mas porque esta condecorando a entrada deixa luz primeira, e viva para a sala. A dita baranda he descuberta, e tem total regularidade no frontespicio, e nos seus lados. Ha de ser ornada com pilares, e sobre a cornija principal haverá hum atico, e hum tímpano na forma do risco do alçado ao qual vos chamais profil impropriamente porque o profil he aquillo que os Architectos chamão talho, ou tambem espaçado. A dita Baranda sera lajeada com correnteza tão declive que não faça alguma chuva prejuizo as Casas, tera grades de pedra / fl. 9 / sobre Cornija, Frizo, e Architrava, sustentadas pellos seis pilares rústicos e pellos arcos da entrada. O corpo da dita entrada a o qual cobre a baranda he reintrante no edificio de tres palmos, e meio, para que nesse terreno se ponhão a sapata e os tres arcos, e seus socolos todos a nível, e o dito terreno depois da sapata vá declinando para a Calsada, conforme ella desser. Os dous arcos que dão luz ao saguão levão grades sobre peitoris fundados nos primeiros tabuleiros da escada. Nas paredes dos lados da Baranda ha portas para a primeira antecamara, e para a primeira guardaroupa.

20.º Fis nestas duas cazas de 59. Palmos sobre quarenta e quatro e entre si semelhantes huma couza que não vi em Palácio algum e que seria mui estimada em outros Países; os estrangeiros chamão huma bella enfilada e a louvão muito quando as portas de muitas cazas enfião directamente humas as outras. Ora nesta planta succede haver tres grandes enfiladas paralelas no lado grande, alem das enfiladas menores em outros lados, e na primeira antecamara se vem com novidade tres enfiladas a saber, duas que atravessão a sala, e huma que atravessa a baranda. Estas todas podereis franquear abertas em hum dia de função mas no serviço quotidiano tereis aberta aquella de que gostares, e tambem podereis interrompela entrando em algumas pessas por hum modo, e em algumas por outro. / fl. 9 v.º / Nestas primeiras antecamaras, e guardaroupa ha huma janela que cahe para a escada, e he posta sobre o arco, ou architrava que eu aponte na planta especial que mando da escada, dizendo que por elle se começava a sobir a sala depois

da entrada para o quarto baixo, o que agora repito para melhor inteligência da planta.

21.º Fis a segunda antecâmara de cincoenta e oito palmos, sobre quarenta e meio, a qual se communica com cinco cazas por tres lados.

22.º Fis a terceira antecâmara de sessenta sobre quarenta palmos, e a formei com os cantos redondos, assim por lhe dar variedade nessa especie de ouvado, como por poder servir me das paredes todas do quarto baixo, consistindo absolutamente neste expediente o remedio para a feia irregularidade, e estranha fabrica das atis paredes; Esta terceira antecâmara he mais estreita que a primeira ainda que tem maior comprimento, porque, como naquella se entra atravessando a pella sua largura lhe dei toda a possivel.

23.º Fis por esta mesma cauza, e para ganhar a esquadria na parede da rua formosa o oratório vizinho da segunda, e terceira antecâmara pondo o no angulo do edificio, porque ainda que dezejando as senhoras ter as suas antecâmaras fechadas, talvez se julgara defeito passar o Capelão pella segunda antecâmara Esse defeito na verdade fica bem dourado pella circumstancia tão comoda, e tão estimavel de que possa ouvir a Missa quem estiver / fl. 10 / em qualquer caza das principais do edificio. He bem agradável que a senhora achando se dentro no seu leito veja o celebrante no altar, e não he menos que o Marido, achando se com vizitas no seu quarto, e em lugar tão distante do oratorio, ouça tambem Missa, abrindo se a baranda, sem que os ouvintes dos dous sexos incommodem huns, aos outros, e não haverá ja mais tanta familia domestica de huma caza, quanta he a que pode aproveitar se da boa situação deste Oratorio. Elle he de forma assaz bonita, e dividido pellos dous arcos que o atravessão em tres corpos de diferente figura: no circular ha duas janelas, em cujos vãos se podem por athe a altura do peitoril caixões de vestimentas, e ali se ouve tambem Missa por detrás do nicho do Altar. O maior comprimento do oratório he de trinta e quatro palmos, e meio, e a maior largura de dezanove. Nelle se poderão fazer os enfeites de Architectura que permitir a bolsa, ou que inspirar a devoção.

24.º Fis a Camara de quarenta e hum palmos sobre trinta, e quatro a qual tem portas para quatro cazas o que dá muita commodidade, e seguindo a moda estrangeira pus o leito no meio da parede maior, adonde fica com gala, vendo se delle todo o comprimento da terceira antecâmara, e o oratório

25.º Fis o principal Camarim de vinte seis palmos de comprido: sobre vinte tres, e meio, e foi preciso por lhe janelas para a Travessa / fl. 10 v.º / do Jaques mais juntas do que os das três fachadas para que estas guardassem a mesma proporção que as de hum corpo immediato, o qual corresponde / metido em esquadria / com outro corpo que vai sobre o jardim; De serem as ditas janelas mui juntas segue se o poder adornar se este Camarim todo com Espelhos, e esculturas, escuzando tapiçaria, allem de que essas muitas janelas dão alguma representação aos corpos que ficão para a dita travessa nos fins das alas, ou Azas, os quais corpos de outro modo

serião semsabores. Esta expressão de alas he estrangeira, mas eu não sei como nomear vos em Portuguez aquelles corpos que estando pegados a principal porção do edificio se distinguem delle do mesmo modo que as peninsulas se distinguem da Costa do Mar. No dito Camarim há hum grande almario para pendurar vestidos.

26.º Fis o segundo Camarim de vinte e tres palmos e meio em quadro, entre o qual, e a Camara ha retrete assaz escondido.

27.º Fis entre os dous Camarins hum escaparate de quinze palmos sobre onze para guardar brincos, e tambem nelle se poderem tocar senhoras.

28.º Fis huma caza de louvor de trinta palmos, e meio sobre vintasete, a qual na planta vos ha de paresser que he esgonça / erro que eu não fiz jamais / mas os seus três ângulos são perfeitamente rectos, e no quarto lhe pus a chemine, moda que os estrangeiros tem introduzido porque provão que esta sorte de chemines / fl. 11 / deixão chegar para ellas mais gente a hum mesmo tempo, e aquentão maior porção da caza.

29.º Fis huma Caza sextavada de vinte e oito palmos, e meio no maior comprimento, e dezasete de laergura, com todas as paredes, e membros nella iguais, e pus lhe o que ha poucos annos inventarão os Francezes chamando lhe nicho, que vem a ser alcova pequena, na qual não pode entrar mais que o leito para huma pessoa. Esta caza com a sua immediata que he ouvada destino para filhas ja mulheres.

30.º Fis a dita caza ouvada de vintenove palmos de comprido sobre dezasete de largo, a qual, como digo destino para filhas. Ella com sua companheira semelhante que está no quarto de homem tem varias utilidades porque com cupola termina nobremente o Pateo, fazendo semetria com o corpo quazi ouvado da escada, que sahe para o dito pateo, e servem de dar entrada no passeio podendo fechar de maneira que fique rezervado somente para as pessoas nobres.

31.º Fis huma caza de vinte seis palmos no maior comprimento, sobre dezaseis, e meio de largo, para nella se comer em particular com a familia para o que não he imprópria a porção que tem de circulo adonde leva chemine pellas mesmas rezõens que dei a respeito da chemine da caza de lavor. / fl. 11 v.º /

32.º Fis huma caza de vinte oito palmos sobre dezouto, que destino para o aparador sempre que se comer em publico nas antecamaras, e nesta caza dezemboca a escada particular que vem do quarto baixo a qual he de seis palmos de largo, bem melhor que as particulares mui estreitas de Santos Pacheco, e em cima della ha outra do mesmo feitio pella qual hão de sobir as creadas para as mezaninas, e tem a sua entrada junto da Caza de comer.

33.º Fis huma caza de vinte sete palmos de comprido sobre dezouto de largo que destino para que nella assista a Donna, e se prezerve como ja disse acima de tomar ventosidades na primeira antecamara

- 34.º Fis tratando do quarto de homem a primeira, e segunda guardaroupa semelhantes a primeira, e segunda antecâmara sem outra diferença se não que a segunda guardaroupa he hum palmo mais comprida sendo de Cincoenta, e nove.
- 35.º Fis para terceira pessa, e talvez camara deste quarto destinada a receber as vizitas huma caza a que os Françaes costumão chamar gabinete de conversação, de quarenta palmos e meio de comprido sobre vinte nove de largo, e esta será clara ainda quando lhe falte luz da parte da Igreja do Loreto, da qual luz me não informaste athe agora.
- 36.º Fis na esperança que haja esta dita luz huma galaria / fl. 12 / de outenta e dous palmos e meio sobre vinte sete de largo, destinada para livraria com os membros entre as suas janelas mui grandes para a commodidade de por livros.
- 37.º Fis no fim dessa galaria hum gabinete de vinte quatro palmos sobre dezanove para escreveres: o qual tem sahida com escada no jardim.
- 38.º Fis hum gabinete para uos vestires sextavado, em tudo igual ao outro da mesma figura que está no quarto das senhoras, mas este em lugar de nicho, leva chemine.
- 39.º Fis contiguo a elle huma Caza ouvada igual a outra que está no quarto das senhoras a qual da tambem entrada para o passeio, e esta pode servir de ter armas, circunstancia necessária para hum Monteiro Mor. O seu telhado he em cupola
- 40.º Fis ao lado da segunda guardaroupa huma caza de quarenta e tres palmos, e meio de comprido sobre dezouto de largo que ainda que estreita pode levar hum *Bilhard*, e he mui clara, na qual assistirão os *valets de chambre* para acudir quando os chamarem, e por ella se pode o Dono da Caza servir quotidianamente para a livraria e gabinetes, tendo fechadas a segunda guardaroupa, e a camara de receber vizitas. Entre esta Caza, e a Livraria vai outra, que não tem mais uso que dar varias entradas, e especialmente para huma escada de cinco palmos que desse para o quarto baixo / fl. 12 v.º / por cima da qual sobe outra semelhante para as mezaninas, que hão de ocupar os creados.
- 41.º Fis huma caza para os filhos que não morarem no quarto baixo de vinte, e sette palmos de comprido sobre dezaseis, e tres quartos
- 42.º Fis junto a esta hum gabinete para os ditos Filhos de dezaseis palmos, e tres quartos de comprido sobre quinze, e meio de largo.
- 43.º He de advertir que sobre todas as Cazas que tem luz para a Travessa do Jaques, e que tem luz para o pateo / excepto as primeiras antecâmaras, e guardaroupa, que tambem tem luz para elle / ha de haver mezaninas, humas para mulheres, e outras para homens, e que se hão de alumiar por frestas de fabrica muito simplez postas sobre as janelas grandes, as quais podem ser tambem simplez tanto no pateo, como na dita Travessa, com declaração que o Camarim principal da Senhora, e o gabinete de escrever no quarto de homem hão de ter frestas para a

travessa mas não para a rua formosa nem para a parte do Loreto. Nas sobreditas mezaninas ha de haver repartimentos, e corredores, como se mostrará na planta dellas a seu tempo; Bem entendido que sobre as antecamaras, Camara, e Oratorio, guardaroupas, Camara de vizitas, e galaria não ha de haver mezaninas, e terão pé direito de toda a altura competente, por cuja rezão torno a dizer, que nas tres fachadas grandes não ha de haver frestas excepto as da Sala no que / fl. 13 / evitaes muita despeza.

44.º Entre as despezas, que eu vos poupo huma he esta, que digo das muitas frestas; outra a da exsesiva grassura das paredes que fazião Santos Pacheco, e Canavari; Outra da altura da fachada, porque sendo a de Canavari exseçiva, he tambem demaziada a do Pacheco, que poem na parede do quarto alto desde a faxa da sacada das janelas athe a Cimalha grande trinta, e sete palmos, quando bastão, e sobejão trinta e quatro, e assim vos poupo três palmos de altura em todas as paredes do edificio; He bem verdade, que no corpo somente da sala ponho maior altura que Pacheco, e tanta como Canavari; Outra despeza poupada he, a do portal de Canavari, porque, ainda que os tres arcos, com os seus ornamentos, hão de custar consideravelmente, não será tanto como o dito portal, e Balcão com janela em cima, que elle fazia; Outra despeza he da escada, porque, como ja vos disse acima a minha não leva pedrarias de presso, e suposto que tenha maior numero de degraos, que as outras, tambem com ella se cobrem varias cazas de lacaios que seria preciso fazer em outra parte.

45.º Em opposição destas adiçoens que poupo me podem acusar do que vos faço despender no dezentulho, mas a isso respondo que Santos Pacheco dezentulhava mais do que eu, e que se Canavari; e Missier dezentulhavão menos que eu, tambem Vos / fl. 13 v.º / vos construião muito menor caza, e eu não deixo de evitar huma boa porção de dezentulho com a Alameda, ou passeio que faço, e com o jardim; quanto mais que o medo que vos tendes do dezentulho he injusto, porque elle não ha de custar depois aquillo que por agora se vos representa na imaginação; e finalmente eu sempre aconselharei que ninguem cuide em forrar gastos que servem de melhorar os sítios, e que antes os forem na construção das obras, para o que há huma consideração mui solida, a qual he que o erro em algumas das cazas pode emendar se sem grande consequencia, mas o erro em dispor a situação, e ordenar os fundamentos não tem depois outro remedio mais que o derrubar as obras começadas.

46.º Quanto ao jardim em que agora falei vos digo que eu não sei que extenção de terreno tendes para elle; e que contentando me prezentemente do espaço que deixaria a nova travessa, que aconselhei acima, que abrisseis da Calçada do Combro para a travessa do Jaques nesse tal espaço formo hum pequeno jardim, que por ser dentro na Cidade não he desprezável. Tambem o não he pella sua figura, suposto que se parte tanto da comum. Eu não so ignoro quanto sitio tendes de que nunca me informastes, nem respondestes sobre isto a Manoel, mas

tambem ignoro em que altura ficara esse jardim para a rua, e nessa duvida lhe fis no canto para as travessas huma escada de quatro palmos, e meio / fl. 14 / em que vos poreis, mais, ou menos degraos conforme a necessidade, e no alto desta escada fis huma gaiola para pássaros ; sempre me parecerá acertado que o jardim não fique no nível do quarto nobre mas o passeio sim, e que para o jardim se dessa ao menos por seis degraos, e para o passeio por hum somente a respeito das chuvas: a rezão desta diferença que quero he, que o passeio convem que seja rezervado, pois que comunica os quartos da Senhora, e do homem, que se sirvão delle as Pessoas nobres, mas não os Creados aos quais não se pode rezervar o jardim – e especialmente ao jardineiro: E assim fazendo no passeio que fica mais alto hum parapeito, e pondo lhe huma grade no fim do pequeno tabuleiro triangular que vereis na planta estará impedida, a passagem continua do passeio para o jardim ao qual eu destino para flores na esperança de que tenhais agua com que regalas, e se não ficará servindo de quintal.

47.º Se o dito passeio em que já vos tenho falado muito não vos agradar tanto como a mim, podeis em vez de lhe por arvores fecha lo com alguma especie de tecto para que sirva sempre de se communicarem os dous quartos nobres.

48.º Assim elle, como tudo o mais de que trato ha de padecer as criticas, e acuzações a que são expostos todos os desenhos, e como seria possível que quando eu desprezo tanto as plantas, que me mandastes deixem os autores dellas, e os seus / fl. 14 v.º / parciais de reprovar a minha. Eu a não deffendo, e vos torno a declarar que vos deixo absoluta, e inteira liberdade, para que não uzeis della, ao que somente acressento, que se quizeres usar de huma parte, reprovando outra, e nesse cazo me apontares o defeito, verei se há modo de remedia lo, porque reconheço muito possível, antes provavel, que ajuntando se a minha ocupação os pezares, e cuidados com que ando justamente afflito, nãoesteja em termos de esperar felicidades nos inventos.

49.º Por estes estorvos que vos digo não mando por agora todos os riscos neçessarios para a boa intelligência da fabrica como serão o alçado interior do pateo, o Talho, ou espacato de pessos principais, as ignografias do quarto em baixo do quarto de homem, das Cavalariças; Cocheiras, e offiçinas que se hão de acressentar as que estão feitas.

50.º Tudo isto vos remeterei com promptidão se vos determinares a seguir a minha planta, e se me mandares a daquelle, que chamamos andar da rua que tendes já feito para a calçada do Combro, e na rua formoza, porque sem isso nunca posso saber bem de que modo hei de fundar as Cazas, pois nas que agora ordenei, caminhei como se diz vulgarmente as apalpadelas, porque ainda que me vali, e com difiçil estudo, das paredes já feitas não posso saber, se as que acressentei de novo no quarto da Senhora vão fundadas como dizemos / fl. 15 / no ár, o se tem em baixo fundamentos em que se firmem. Se as achares fundadas no ár entendei que não he por ignorância, se não porque faltando me a vossa informação pedida não quis perder tempo

em aguardar a resposta, visto que se não poderem fundar se sobre os baixos, servem ao menos de mostrar vos qual era a idea.

51.º Prezentemente vos mando cinco plantas, huma do quarto baixo da parte das Senhoras somente, feita pello mesmo petipé de Santos Pacheco, Canavari; e Missier, para que possais bem conferir a minha ideia com as suas. Nessa mesma planta há mais outro risco que contem a parte do quarto baixo já fabricada, mostrando nelle com três cores differentes as emmendas, e o modo com que planto as paredes do quarto nobre sobre as paredes que fez Pacheco. Duas mesmas plantas de todo o quarto nobre do edificio, mas huma em maior petipé para que o pedreiro conhessa bem as proporçoens das cazas, em cujos membros de portas, e anelas não há huma so polegada de differença de humas para as outras, e esta exactidão lhe mostro pellas linhas de pontos, que signalão as notaveis enfiladas, de sorte que, tanto elle puzer os meios das portas adonde as linhas os pedem não pode errar membro algum dos lados das ditas portas. Nesta mesma planta aponto os parágrafos da presente carta, a que me reporto para a explicação / fl. 15 v.º / e aponto os tamanhos das cazas, e grossuras das paredes. Outra planta que mostra a ignografia da escada, promiscuamente com a do saguão, e ali escrevi tudo o que me pareceu util para instruir o Pedreiro, mas para que contivesse essas instruções a fiz em grande petipé. Outra planta he a do Alçado de huma porção com o meio da fachada, cujo resto deve prosseguir na mesma forma desta, e para que vos conferissem esse alçado com o de Canavari vai no seu mesmo petipé. Também vos restituo todos os riscos que me mandastes, e porque dous vinhão muito rotos os forrei de pano.

52.º Torno a falar vos do portal de Canavari não só porque vos agrada tanto, mas porque talvez se achará feito, e não quizera que perdésseis o seu grande custo. Nesse cazo podeis empregalo, tirando fora os três arcos exteriores, e seus pilares rústicos, e pondo o dito portal com duas grandes janelas aos lados; mas, como elle tem quinze palmos de abertura, e os meus arcos não tem mais que treze, se a verga, e cimalha estiverem feitas, será preçizo para o applicares que deiteis fora os primeiros dous lanços de escada que sobem para os primeiros dous tabuleiros, pondo ali grades, e contentando vos com os outros dous lanços que descem tabuleiros para o saguão. Bem entendido, que se o dito portal não está feito com summa ventagem que façais os ditos arcos, e não o portal. / fl. 16 /

53.º Tambem não posso deixar de lembrar vos que se o amor da regularidade for em vos mais poderoso que a economia de evitar despezas, tendes o modo de fazer o edificio uniforme derubando as cazas na rua formoza, e fazendo hum quarto para a Senhora da mesma construção, e ordem que o quarto de homem que eu pus para o Loreto, sem outra alteração mais, que a de devidires o campo que toma a livraria em três pessas que sirvão de camerins, e caza de lavor, porque isso basta para que fiquem as Senhoras bem accomodadas, com tanto que se satisfação

de terem somente duas antecâmaras. Nesses termos havia de contar se o que está já fabricado por huma linha desde o cunhal da calçada do Combro, athe hum Cunhal, em que já vos falei acima no paragrafo 9.º que estará, pouco mais ou menos de frente da Igreja das Mercês. Ora emtão o terreno que desprezareis, ou havíeis de deixalo para o serviço publico, ou ocupalo com pequenas cazas de aluguel pegadas a caza nobre, e nesse cazo não derrubáveis toda a parede já feita por ali, porque somente arebatareis; mas em fim esta he huma idea na qual, se ganháveis total regularidade despendíeis considerável dinheiro, de sorte que nella não interporei júizo.

54.º Alguem vos diria que para lograr regularidade, vos, em lugar de cortares as cazas feitas na rua formosa, fabricásseis o / fl. 16 V.º / quarto de homem / tendo para isso terreno / com a mesma figura exterior, e obtuza que fez Santos Pacheco, mas isso reprovo eu com a reflexão de que vos ficava tão grande o quarto de homem que não teríeis familia com que enche lo. Alias reconhesso que daquella sorte era o edificio muito mais regular do que da sorte que vai na minha planta; duvido porem emquanto me não informais que tenhais sitio para fazer o dito novo corpo obtuso.

55.º Acabo declarando vos o meu maior embaraço. He que os petipés de todas as plantas que me mandastes são errados entre si, posto que se quizerão immitar, e errados nas suas próprias divizoens, e assim não posso eu assegurar me na verdadeira medida de todo o vosso terreno, de sorte que será possível que sem culpa minha acheis que se não ajusta fielmente o meu dissenho com o vosso sitio, e deveis primeiro de tudo fazelo medir exactamente por pessoa capaz com réguas, e não com cordel, advertindo, que quando medires as paredes exteriores não se hão de por essas tais réguas obliquamente como sobe a Calçada, mas hão de por se ao nivel, porque, alias, seria a medida errada. Santos Pacheco equivocase nessa medida nas suas mesmas plantas, e eu governando me pella extensão que vejo nellas mais ventajajoza acho que o Comprimento pella calçada do Combro he de trezentos setenta, e dous palmos, e meio. Eu tomo para o meu dissenho, contando pellos quartos baixos cujas paredes por fora são / fl. 17 / mais grossas do que as altas, trezentos cincoenta e nove palmos e meio, de sorte que deixo ainda treze palmos para a travessa nova que vos aconselho, e se vos agora, examinando o sitio de novo, vires que a travessa não pode ser tão larga, mo avizareis, para que se mude a planta, excepto se a diferença for tão pequena que não prejudique muito a luz da livraria. Acho nas medidas de Pacheco pella parte da Calçada do Combro o seguinte.

Em vinte três janelas cada huma com seis palmos, e meio de luz..... p.os 149 ½

Em vinte dous, chamados membros entre as luzes das janelas a nove palmos..... p.os 198

Em quatro desses membros, observando os nas ignografias, porque no alçado estão confusos há de excesso aos outrosp.os 12

Nas maiores distancias dos dous cunhais, athe as luzes das primeiras janelas, a seis palmos

e meiop.os 13
São em tudo p.os 372 ½
Eu empreguei em vinte huma janelas ja lavradas p.os 136 ½
Em vinte membros como os já feitos p.os 180
Na diferença de seis membros maiores que os outros p.os 30
Nos dous cunhais athe a luz das janelas do quarto baixo p.os 13
Na largura da nova travessa que aconselhei p.os 13
São em tudo p.os 372 ½
56.º Pella parte da rua formoza regulei os membros como já estão feitos, e pellas partes da Travessa do Jaques, e da nova / fl. 17 v.º / travessa futura dispus os membros como achei que convinha.

Ora Deus nosso Senhor pella intercessão de sua Maj Santissima vos encaminhe em todo, e vos deixe lograr esta noua caza se a fizeres, em companhia de Vossa Mulher, a cujos⁴ me ponde, e de vossos filhos. A elles, como a vos lanço a bênção. Deus uos guarde m.es a.es como dezejo.
Vienna de Austria 14 de Abril de 1734

Vosso Paj que muito vos ama⁵”

2. CARTA DE JOÃO GOMES DA SILVA A SEU FILHO FERNÃO TELES DA SILVA. VIENA DE AÚSTRIA, 15 DE DEZEMBRO DE 1734.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA, Cód. CX/1-6, n.º 25, fls. 18 a 23 v.º.

“Meu Filho do meu coração He neçessario fazer commigo hum grande esforço de sofrimento, para que achando me atormentado de huma torrente de desgraças continuadas, e actualmente enfermo de gota, vos escreva em matérias de tão pouca consideração, como são Fabricas, e Plantas: Porem julgando possivel que vos espereis alguma resposta minha, e que na demora recebais prejuízo grave, não quis encarregar me desse escrúpulo, e assim vos responderei com muita boa vontade, mas com muito mau humor. Por João Pires vos mandei huma carta mui dilatada que continha 56 Capítulos, e como vos não sois homem mui dado a leitura julgo que a lereis huma so vez, e muito depressa, quando ela necessitava de quazi se tomar de cor para perceber bem o dissenho, em que se reflectia, e para se responder as criticas que eu suppunha naturais nos Architectos que vos servem de Consultores.

Vos me pedistes huma planta em que eu trabalhei todas as noites inteiras de hum inverno, e confeço que não tomei essa penosa fadiga tanto por afago paternal, quanto para apartar a immaginação de horrores, que então me afligião como futuros e que agora me afligem ainda

como passados.

A dita planta que communicada aqui a Pessoas inteligentes / fl. 18 v.º / foi summamente louvada vos remeti com expreções modestas, dizendo vos que as communicasseis aos vossos Architectos, e sobretudo vos encareguei o mesmo que agora encarego, mando, e ordeno, e he que vos não prendais, nem constrangais a segui la, declarando vos que em a executares me não fazes lizonja, nem ponho nisso empenho, ou gostos: porem acrescento huma circumstancia, alem daquela primeira ordem, e he que não admito mistura, entre o meu invento com o invento daquelles tais doutores Architectos, e que deveis seguir ou hum, ou outro, porque eu não deixarei mutilar, estropiar, e remendar o que inventei, por homens que certamente vos aconselham mal, e que tem curto conhecimento da Arte que profecção, aproveitando se hum delles chamado Carlos Martelo da vossa credulidade, e pouca experiencia de obras para vos persuadir dezatinos, e ate falsidades.

Como eu tenho provas / pois que deixei copias de tudo o que me inviaste / das ideas de Santos Pacheco, e Missier não me cansarei em falar mais delles, e so tratarei agora daquelle novo animal com que me alegais, o que na verdade me faz ter compaxão de vos, pois o credes, e dizeis que elle he certamente bom Architecto, e seguro; a que respondo que para o vos reputares por seguro he neçessario / fl. 19 / que elle haja edificado muito, e que eu o supponho tão seguro na Arte, como nas informações que vos deu de si, as quais vos declaro que são todas falsas. Diz o dito Senhor Carlos Martelo que fora aqui Capitão Ingenheiro, e mandando eu examinar isso nos livros do Commissariado que corresponde as nossas vedorias não se acha que tal homem fosse; nem Capitão, nem Official. Informei me com Marinoni Mestre deputado, ha muitos annos pello Emperador para os engenheiros, e este o não conhece. Tambem o Baron Ficher nascido aqui, e primeiro Architecto do Emperador não o conhece. Tambem João Lucas Architecto do Principe Eugenio, e antigo aqui não o conhece. Porem mandando ouvir nisto a Beduzi, a quem nunca falei, dis que o conhece mas que não sabe que elle fosse Official, e que não achou nelle nenhuma luz de Architectura Civil. Diz mais o Senhor Martelo que em Hollanda foi Tenente Colonel (sic), e isso tenho por impossivel porque os Holandezes não costumão adoptar, ou receber officiais que vem de servir outras Potencias, e em Hollanda são necessários largos annos de servisso para chegar a Tenente Colonel (sic). Diz mais que na Haija me falou, e na caza que elle fabricou para o Conde de Obdam, mente porque eu me não lembro de ver tal homem, e nunca entrei na tal caza nova do Conde de Obdam senão muito tempo depois de acabada / fl. 19 v.º / quando, em huma unica vez fui vizitar sua Irmãa, porem ainda mente mais em dizer que elle fabricou aquella caza porque o mesmo Obdam era o primeiro Architecto della, e se serviu para os adornos de hum Francez Marot, e de seu filho aos quais Estevão conheceu, e servia se o Obdam para

as dispozições ezenciais da construção de hum chamado Dussar tão bem conhecido de Estevão. A dita caza que he mui brinacada, e cheia do que nos chamamos Framenquerias não deve dar regras para a Architectura. Diz mais o Senhor Martelo que percebeu bem na minha planta ser riscada por Beduzi, pezame de que elle achase sitio em vos para vos encaixar essa patarata, porque em riscos de régua, e compasso já mais se pode perceber a mão dos authores. Conheçe se a mão de quem pinta e a mão de quem debuxa, mas não a mão de quem lança linhas direitas.

Hora esse embusteiro he tão ignorante, e descomedido que despreza Vitruvio, e os Capiteis Jonicos por dizer que são delle, quando este he o texto decizivo, e absoluto na Architectura, e o único author desta Arte de que ficarão preceitos, e regras por escrito depois de acabar a Republica Romana, e he elle de tal modo o único Mestre que os Architectos dos Seculos modernos forão mais, ou menos famosos, por seguirem ou mais, ou menos os seus preceitos no que edificarão / fl. 20 /, sendo quem felizmente o praticou o celebre Vignola.

Em cujos termos o Senhor Martelo não podia dar tão forte prova de ser hum miseravel ignorante que reprovar Vitruvio. Emfim Beduzi afirma que o tal Martelo foi creado de hum Cohnan Mestre de Artilheiros no Arsenal que aqui ha dos Borgeses, que como tal acompanhara ao dito Colman seu Amo em huma jornada larga que fizera na Transilvania, e que o Martelo não foi já mais Militar. Vos referis que elle condena as minhas colunas na baranda, mas as que eu ali puz não são colunas se não pilastres a que os Italianos chamão lesenas, e que declara que não tem a proporção devida. Eu replico que ellas tem a sua proporção sem hum cabelo de diferença, e acrescento que se elle provar que a não tem he sciente, mas que se o não provar he falsário, embusteiro, e caluniador. Elle diz que o corpo reintrante da baranda se retira cinco palmos e mejo, mente, porque se não retira mais que a largura de hum cunhal que embaixo tem três palmos, e mejo, e assim o escrevi eu no paragrafo 19 na larga carta que eu acento que não lestes. Elle condena os Arcos porque os queria postos sobre pilares, e não conhece o basbaque que os pilares rústicos sustentão a cornija inferior, e que os arcos estão plantados sobre as suas impostas na forma devida. Elle condena que a Architrava / fl. 20 v.º / do corpo principal sirva de Cornija ao resto da Caza, não deve de ter vista em quantos edificios se praticão estas que chamão cornijas architravadas; A mesma idêntica esta feita neste Palacio de Rofrano em que eu moro que he mui bem ordenado, e se em toda a vossa caza se puzese, alem da Architrava tudo o que os Françaes chamão entablement, Frizo, e cornija de Cantaria, custaria isso infinito dinheiro. Diz o tal Martelo que eu não descrevi as janelas na forma em que ellas estão feitas, eu as descrevi conforme o risco de Canevari que me inviaste, e deixei copiado: porem se o tal Canevari as fez depois de outro modo, assim vos poderão servir, e se ajustará o dessignio com atenção a ellas. Diz

elle Doutor que o edificio ha de custar quinhentos mil cruzados; provarei; como ja vos disse no paragrafo 44 da larga carta que ha de custar muito menos da que fazia Santos Pacheco, porque leva muito menos braças de parede, e que me parece que o seu custo não ha de igualar o da Caza da Moiraria, ou da Caza do Marques de Valença. Diz que a escada sendo mui lejeira ha de custar quinze mil Cruzados; provarei que ha de custar muito menos que a da Moiraria pellas rezõens que vos disse no paragrafo 17 da larga carta, e se a escada que envolve saguão, e sala, não custar mais de 15m Cruzados vem o / fl. 21 / Palacio a sahirvos mui barato. Emfim concludo que o tal Martelo he hum ignorante embusteiro, e me envergonho de lhe estar fazendo replicas. Beduzi afirma que elle não tem nem luz de architectura civil, e como dizeis que elle despreza a Beduzi vos informo de que o tal Beduzi he sciente e foi hum dos primeiros Architectos do Emperador Joseph.

Quanto a mão que o Martelo diz que conheceu vos responderei que inventando eu tudo quanto contem esta planta a pós em risco limpo o meu secretario, o qual não so he bom Architecto, mas insigne debuxador, porem em rezão do muito que tem que trabalhar na minha secretaria a não copiou elle mesmo e chamou dous ajudantes que na sua caza, e a sua vista fizerão as copias que vos forão aos quais eu paguei 60m Reis.

Entremos agora com os reparos que fez Missier, ou com os vossos próprios. Quanto aos balaústres das janelas digo que se fazem de mil modos, e que me parece que vos ponhais aquelles de que tiveres mais gosto assim nas janelas, como na baranda. Eu ordonei na baranda hums que me parecerão baratos, mas reconheço que se podem fazer muito mais bonitos. Será bom que vejais o livro que Missier ha de ter de hum author moderno Françaes chamado / fl. 21 v.º / Daviler, o qual no primeiro tomo na planche, ou estampa 94 tras muitas sortes de Balaustres os que eu pus são como os que ahi designou Missier.

Pareçe me bem que poupeis gastos, e que ponhais nos cantos as janelas que tendes ja lavradas, e porque eu as não conhecia vos mandei o alçado feito sem levar os cantos, deixando vos assim toda a liberdade para ellas; as do papel fino de Missier não são boas

Se a janela no ângulo do oratório he de tão rara, e singular vista como dizeis, parece me bem que mudeis o Oratorio para outra parte, mas nisso haverá muito que conferirmos porque he prejudicial romper a entrada, e ordem do quarto segundo composto de Cazas pequenas, o qual pello tempo adiante pode bem servir para hum sogra, e convenho comvosco em que no cazo de mudares o oratório, aquella caza de canto, em que eu o plantava se deve fazer com outra figura para o que se podem formar diferentes projectos que eu vos mandarei aqui.

Quanto ao sitio eu nunca me hei de esforçar em aconselar vos despeza, porem não tendo as cazas alhejas que podeis comprar, mais frente do que vinte sete palmos e mejo não he prová-

vel que custem muito: Concluo em que no terreno que já tendes de 308. Palmos se pode fazer bastante caza mas emtão he indispensavel / fl. 22 / deitar abaixo as paredes interiores que fabricou Santos Pacheco, para que, sem estarmos sojeitos a estas tais paredes, se disponhão os quartos nobres como for conveniente, e inventarei emtão muitas, e diferentes plantas. Nada se pode idear sem estar seguro nas medidas, e as que agora mandastes a Manoel vem erradas por vos, e por Santos Pacheco, como vereis no vosso pequeno papel original que vos restituo. Nelle se diz por huma banda que a botica tem $34 \frac{3}{4}$, e vos escreveis pella outra banda que a botica tem $43 \frac{3}{4}$. Hora por qual destes nos havemos de governar? Vos dizeis que a parede da rua formoza tem 156. Palmos e mejo Santos Pacheco a diminue de hum quarto porem nas plantas de Pacheco, Missier, e Canevari vem muito menos comprimento naquella rua, e eu segui essa medida na minha planta Hora por qual nos havemos de governar? Santos Pacheco até na somma errou, quando ajuntou os palmos da rua direita, alias calcada do Combro, e assim o vereis na emenda que ali aponto.

De sorte que não posso regular algum dissenho, especialmente pella travessa do Jaques adonde vem hum chamado cordão, e outras linhas de pontos que fazem tudo embrulhado, e impercetivel, e me he necessaria nova explicação feita por quem a saiba obrar melhor.

/ fl. 22 v.º / Emfim o meu pozitivo voto he que se vos quereis aproveitar tudo o que fabricou Santos Pacheco he necessário comprares as Cazinhas alhejas para executar a planta que vos mandei, mas que se não quereis comprar as tais Cazinhas, e vos contentais com a frente de 308. Palmos podereis fazer huma caza bonita com tanto que deiteis abaixo o que está fabricado pello Pacheco, excepto a parede que vai pella calçada do Combro acima, advertindo tãobem que nesse cazo não será fácil abrires huma travessa nova por não diminuir a frente de trezentos, e outo palmos.

No cazo em que deitais abaixo as parouções de Pacheco, podereis aproveitar vos da nobre vista que dizeis que há para a parte dos Paolistas, e fazer nesse ângulo alguma bela peça em lugar do oratório

He neçessario detestar, e escomungar in secula seculorum o embusteiro Carlos Martelo, e podeis servirvos de Missier, visto que me dizeis que he bom homem modesto, e dócil, porque eu daqui o hirei metendo a rezão, mostrando lhe o que convem que se faça para que elle o execute. Do carater, e condição de Santos Pacheco me não dizeis nada, e tem me geito de ser algum Portuguez serrado, de entendimento grosso, e teimoso. O certo he que esse / fl. 23 / seu risco de medidas que agora me mandais vem muito confuzo, e se não pode compreheder. As cazinhas que elle vos tem fabricado são abomináveis, e eu nem hei de emprender, nem cuidar mais em outra planta se não deitando as abaixo, e Como o vosso terreno he irregular, e diabólico nas ladeiras ha de ser necessario muito estudo para vos fazer couza boa se vos

houveres de restringir aos 308. Palmos e abater ainda desses a largura de huma travessa. Cuidai bem no que vos convem, e já que o embusteiro de Carlos Martelo vos meteu o medo no corpo por conta do gasto, mandai fazer hum orsamento, e avaliação da obra antes de a começares porque assim o praticão todas as pessoas sezudas.

Mandai taõbem medir a proporção que tem entre si as janelas que Pacheco fez para a rua formosa porque ellas na sua planta vem diabolicas, e não he tolerável em hum edifício no-bre janelas tão irregulares, pois que contendo aquella parede nove não acho ali mais, do que três janelas que tenham entre si os membros iguais, alem das suas horríveis viagens, e contra viagens. Hora heis ahi huns dos homens que julgarão a minha planta, na qual a simetria foi apurada a não ter huma polegada de diferença. Outro Juiz foi Missier que reprovou os balaústres feitos na forma dos que elle mandou designados do que talvez se esquecia.

/ fl. 23 v.º / Lembro vos que communiquei tudo isto ao Marques de Alegrete porque he so quem poderá aconselhar vos bem, mas para isso sera neçessario que elle leia tão bem a minha primeira carta larga que vos escrevi.

Pondo me aos pés de Vossa Mulher, abraçar em meu nome os Netinhos, aos quais, como a vos lanco a bênção Deus vos Guarde m.es a.es como dezejo. Vienna de Austria 15 de Xbro de 1734

Vosso pai que muito vos ama⁶”

3. CARTA DE ESTÊVÃO DE MENEZES PARA SEU IRMÃO FERNÃO TELES DA SILVA. S.L., S.D.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA, Cód. CX/1-6, n.º 25, fls. 30 a 31 v.º.

“Meu irmão do meu Coração Respondo a huma Carta Vossa antiga pois que he a primejra em que acuzareis a entrega da Planta, e em que me mandastes as medidas do Terreno, e parecer dos Architectos: Eu tive esta Vossa Carta há dez, ou doze dias, mas como meu Paj, que tem tomado a peito o Vosso empenho, quis elle mesmo Responder vos, e se acha com gotta, foi preciso dilatar vos a Resposta ate hoje, em que vaj tambem a sua. Della vereis como essas gentes se enganão, ou vos enganão, e a quem vos direis confiar; e asim o que ha que fazer na minha Opinião, he chamar algum outro mais capaz, e menos patarata de cujo conselho se possa fazer cazo; mandar medir o Terreno, e fazer hum plano justo delle, que eu desde o principio Vos pedi, dizendo-vos que por esta falta se hia aqui às apalpadellas; e finalmente medir a Obra pella Planta como ahi fez sempre toda a pessoa Sezuda, e por orsamento avalialla; e feita esta operação da medida por pessoa que já tinha tomado outras, podereis saber com pouquíssima diferença as braças de parede, e seu custo, as traves, madejramentos de

telhados, e obra de carpinteiro em grosso as varas de / fl. 30 v.º / azulejo, e de Ladrilhos, as telhas, os alizares, e finalmente pouco mais, ou menos o que deve custar a Obra, para a qual já tendes huma parte de paredes, e quasi todas as janellas, e cornija. Esta medição, e orsamento ouço a meu Paj que mandavão ahi fazer ordinariamente e que João Antunes executava com facilidade, e outros. Por ella se pode ver que a Planta de Pacheco parecendo tão simples, e ordinária custaria mujto mais que a de meu Paj, por ser muito major no numero de casas, e por consequencia de paredes, por ter muitos mais vigamentos, sobrados, janellas, e escadas. Tambem a de Canavaris custaria muito mais, ficando com bem mais quartos, estando a escada deste Como a dos Santos he mais custoza que a de meu Paj, em razão dos emgauchidos, e quantidade de pedra que ambos empregão por falta de gosto, e de arte, que he o que brilha tanto na Obra de meu Paj e que he tambem o que me fez espanto a essas pobres gentes pouco versadas, e intelligentes de Obras.

Como Carlos Martel não he Architecto, mas he mentirozo, não ha que cuidar nas suas ridiculas criticas; e como / fl. 31 / o torpissimo Pacheco mostrou no que ahi fez a sua incapacidade, e nem sequer huma medida sabe tomar, tambem se não deve mais cuidar nelle, do que para chorar o que se gastou, ou se perdeo pellas suas desastradas mãos; mas como o pobre Mizier sabe alguma couza de riscar, e he bom moço / ao que Vos me parece que dizeis / podeis servir vos delle como do segundo Architecto debaixo da direcção de outro, porque para primejro acho em consciência que não he capaz; assim por que não sabemos que nunca fizese obra, nem frequentase ao menos algum Architecto hábil, Como porque a Sua Planta, e os seus reparos mostrão hum genio muj inferior, ou subalterno. Que quer dizer / por exemplo / que se meu Paj visse algum Lavor, ou outra obra, que se acrescentou as janellas que aqui se mandarão de Canavaris havia de mudar a ordem da sua fachada. Crejo que nem huma molher se tiver algum juizo, ou gosto de obras, diria semelhante disparate. Como he possível que algum filete, moldura, ou bagatella semelhante faça tal impressão que mude todo hum frontispicio. Pois tambem a sua critica das grades he bem fundada, principalmente / fl. 31 v.º / sendo ellas as mesmas que o tal Missier poz na sua fachada / que me mandaste / tanto sobre a porta, como nas janelas dos cantos. Ora, meu Senhor, sem perder mais tempo com rapazes, com ignorantes, e com pataratas, mostraj as Vossas Plantas a homens de juizo, consultaj Architectos que o seião verdadeiramente como Federico, ou outro que tenha feito obra grande; medi; e avaliaj a Vossa, e vede bem ao depois se vos convem fazella porque na vossa idade ja não vaj bem emprender, nem desmajajar ligeiramente. O ponto meu Irmão he que tendes boa saúde Vos, e a Vossa familia a quem me Recommendo como devo, e que Deos vos guarde pellos dilatados annos que vos dezejo.”

4. Carta de João Gomes da Silva a seu filho Fernão Teles da Silva. Viena de Áustria, 27 de Abril de 1735.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA, Cód. CX/1-6, n.º 25, fls. 32 a 33.

“Meu filho do meu coração Não somente à ultima carta vossa do primeiro de Março tardo em responder, mas a outras muitas que antes me escrevestes, porem se eu deixara de Responder vos a mil, ainda assim não me ficarião escrúpulos de perguissa por vossa conta pois que para contentar vos me apliquei muito mais, que as Respostas, as plantas da vossa Caza

Todos os inventos que pendem da immaginação neçessitão de Liberdade no espirito o qual eu não devo ter desafogado, achando me cheio de desgostos que Deus foi servido dar me nestes tempos; Os pezares não se acomodão com as curiosidades, e eu me admiro de que havendo passado somente quatro semanas depois que soube a morte de meu Neto João, que me feriu muito possa agora acabar de expedir vos os dissenhos incluzos, porque ainda que a constância certamente varonil de Estevão procura animar me he certo que as / fl. 32 V.º / suas infelicidades me custão extremozamente. A perda do seu terceiro filho fez em mim o que costumão obrar semelhantes sentimentos, que he o Revolver me, e atacar me a gota; de sorte que havendo a tido na maior parte deste inverno heis me actualmente com ella. Ora encomendemo nos todos a Nossa Senhora e falemos na vossa fabrica premeditada.

He preciso que eu vos dezengane da opinião em que vos estais de teres hum mui bom sitio, pois que o julgo moderado na extenção e defectuozo por ser declive em todos os seus quatro lados, de modo que vos fica indispensável gastar muito nos dezentulhos, ou Rezolver vos a fazer huma parte do quarto nobre de homem térrea, e sem cazas por baixo. Se siguires este caminho haveis mister que o tal quarto nobre seja vasto, e magnifico.

He lastima que vos não vendão as cazinhas pequenas que dizeis serem de Capela, mas ainda sahireis bem de embarço / fl. 33 /, se vo las quizerem trocar com as vossas pequenas em que há trinta quatro palmos, e três quartos de frente, porque emtão fareis para a parte do Loreto o edificio Regular com a mesma figura que tem para a Rua formoza. O ficar elle com menos frente pella Calçada do Combro, e com menor pateo, sim lhe deminue muita grandeza, mas ainda assim será pompozo, e vos Respirarei no horror com que estais ao dezentulho.

Como eu havia formado para explicar me com facilidade humas annotaçoes que devem escrever se a margem dos parágrafos da larga primeira carta, nellas achareis tudo o que agora poderia dizer vos, e assim não me dilato mais que asegurar vos quanto dezejo que com vossa mulher, e filhos logreis mui boa saude Ponde me aos pés da Exm.a Senhora D. Maria, e vede se quereis alguma couza Lanço vos a bênção, e Deus vos guarde m.s a.s: Vienna 27 de Abril de 1735

Vosso pai que muito vos ama⁷⁹”

5. LISTA DE ANOTAÇÕES À CARTA DE 14 DE ABRIL DE 1734. S.L., S.D.
BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA, Cód. CX/1-6, n.º 25, fls. 34 a 43.

“Anotações que deveis fazer escrever a margem de diversos paragrafos que forão numerados na minha larga carta de 14 de Abril de 1734, para que assim se evite a confusão que vos cauzarião as alterações feitas na nova planta que se reformou em rezão de quererem deminuir o terreno deantes destinado.

Anotação⁸

Quando eu parti de Portugal sabia muito bem os pressos dos materiais, e huma caza fabricada na forma da Planta que vos mandei não custaria naquelle tempo duzentos mil Cruzados. Porem como vejo que as vossas pedrerias que ajustastes tem augmentado tanto no custo, aprovo que cuideis em moderar a despeza do edificio. Suposto que elle perde muito em se deminuir o Pateo, reconheco que se lhe pode sofrer esse Defeito a vista da grande despeza que se poupa cortando lhe duas grandes cazas do quarto alto, e todas as que hião de baixo dellas, deminuindo o dezentulho, e evitando a compra daquellas cazas na Calçada do Combro que não são vossas, no que consinto especialmente porque entendo que o Palacio ainda fica mui magnifico. / fl. 34 v.º /

Anotação⁹

Aconselhovos que abrais a janela falsa que esta feita para a Rua formoza, e rompais a parede pello armario que tão bem está feito na caza do canto, porque ainda que a janela ha de ficar feia por dentro com viagem, e contraviagem, não será mais feia do que as outras que fez Santos Pacheco em todo o quarto baixo para a Rua Formoza que são diabólicas, mas sobre tudo aconselho, insto (sic), e grito que fassais a moderada despeza de emendar as janelas, e membros para a Rua do tal quarto baixo pondo as Regulares entre si, antes de lhe plantares em cima as janelas do quarto alto, porque se não toda a vida vos haveis de arrepender de deixares em pé aquella torpeza

Anotação¹⁰

Suposto que nesta minha nova planta haja mudanças no que antes era Oratorio, no escaparate, e no segundo camerim, e no Retrete, sempre podeis hir por agora emendando as paredes do quarto baixo da maneira que eu vos las mandei signaladas com as tres cores, verde, vermelha, e amarela, advertindo porem que na caza do canto que ficava debaixo do Oratorio será conveniente faze la de abobada / fl. 35 / fortificando a tal abobada com hum arco embebido nella que nasca entre as duas janelas da Calcada do Combro e vá a arrematar no lugar em que eu punha o leito, e emtão não haveis mister fazer nicho a Franceza que eu vos apontava, e se a cazo não quizeres construir o tal arco, em lugar de fazer o dito Nicho plantai duas Columnas

em tal proporção que deixem lugar para se armar entre ellas o dito leito, e não tenhais escrupulo de que essas Columnas vos embarassem à caza porque se houver leito ficão ellas Representando huma alcoba. Tão bem vos advirto que na planta do quarto baixo adonde fis huma nova escadinha para hir a Cozinha será necessario algum arco no tabuleiro da tal escada que sustente a mudança do Retrete, e do segundo Camerim

Anotação¹¹

Na nova planta melhorou muito o uso desta caza da Donna, porque como fica agora immediata a sala, pode servir de verdadeira saleta, entrandose por ella na primeira antecamera, mas eu sempre serei devoto, que se entre immediatamente da sala para a dita antecamera / fl. 35 v.º /

Anotação¹²

A maior alteração da nova planta he cortar lhe quatro janelas, fazendo somente na fachada dezasete, como punhão Missier, e Canevari, e Reduzindo a Travessa nova, a qual eu julgo inescuzavel, a dez palmos, e meyo de largo, em lugar de treze que eu lhe destinava dantes. Como a dita travessa ha de ser tão enpinada que não podem hir coches por ella pouco perde em ser mais estreita.

Anotação¹³

O cunhal alto que Missier ordenava no angulo principal da calçada do combro, e me veyo aqui designado em papel fino he certamente improprio, pois não se lhe compreende forma de pilastre, que devia ser da mesma natureza dos outros que houver no alçado. Visto que vos quereis começar a trabalhar nelle cuidai logo neste ponto. Junto do dito cunhal quereis pôr as janelas que por ordem do dito Missier estão lavradas, ellas não são boas, mas he preciso aproveita las, e somente vos lembro que metendo lhe grades de pedra, ou grades de ferro, serão mais próprias se tiverem o que chamamos sacadas, e não peitoris, visto que se põem nos / fl. 36 / cantos, e são diferentes das outras do Edificio.

Anotação¹⁴

No numero das cazas ha alteração pois que se aboliu a primeira antecamera, e a primeira guardaroupa, e no sitio que ocupava o Oratorio se fizerão dous gabinetes Mudou se o Oratorio para o que era caza de comer em particular, e para esse efeito se fes outra de novo, estinguindo se o Escaparate, e converteu se em huma estreita Caza de Arcas, de sorte que em lugar das treze se devem contar quatorze no quarto de Senhora: No quarto de homem se estinguiu a primeira guardaroupa e se fes de novo huma caza para assistirem os valets de Chambre, e deste modo o numero de vintecinco cresce a vinte seis.

Anotação¹⁵

Este Pateo que seria mui magnifico por grande perde agora sessenta dous palmos de compri-

mento que lhe estava destinado, e fica somente de 192 e recebe ainda outro danno porque o ângulo reintrante que há na Alameda se avizinha mais algum tanto da escada, com a diferença de sete palmos, mas não pode ser de outro modo / fl. 36 v.º / se houver de conservarse a mesma ordem de Planta, e forma de escada, e como o vosso principal intento he poupar gastos de dezentulho, e da compra das cazinhas que não são vossas, supponho que sofrereis com paciencia o cerceio do pateo, principalmente quando observares que elle medido geometricamente como eu fis tem ainda agora de aria mais de doze mil¹⁶ palmos quadrados, e se a minha memoria não me engana não ha de ter mais numero de palmos quadrados o Pateo no Palacio Real, que ahi chamamos o da Capela

Annotação¹⁷

Parece me que vos dezejais que a escada seja mais larga: Isso não pode praticar-se neste novo cazo de cortar o Pateo, se não quando vos queirais outra forma de escada, de saguão, e de sala, mas adverti que emtão perdereis nestas pessas huma figura que he totalmente nova, e que nunca vi em planta alguma, quanto mais que deveis observar que sera rara em Lisboa a escada que tiver maior largura, e mui poucas ali terão treze palmos, nem Missier, nem Santos Pacheco puzerão mais nas que vos dessignarão. Ninguem / fl. 37 / pode duvidar que a escada da Moiraria he larga, e essa tem somente doze palmos.

Ora quando a vos condenarem haver nos lanços somente seis degraos, e não impares, como era a antiga opinião dos Architectos, vos direi que muitas vezes ouvirieis o dictado de Fulano entrou nesta caza com o pé direito Esse nasceu de hum agouro, ou superstição dos antigos que querião começar a subir com o pe direito, e entrar no tabuleiro com o pe direito, e isso não se pode conseguir se não quando os degraos são impares, mas depois que os modernos não fizerão cazo dessa ridicula, e antiquissima superstição fabricão igualmente os degraos das escadas, pares, ou impares conforme lhes cahem a propósito, e nesta forma de escada de muitos tabuleiros, e muitos lanços de seis degraos, o serem impares, ou pares faz huma grande diferença na altura, com tudo, torno a dizer, que se não gostais muito desta minha escada, vos inventarei outras de mil modos, ainda que, no meu gosto, não tão boas.

Annotação¹⁸

Ainda que não quis pôr sobre a sala cupola cuberta de chumbo custoza pode com tudo se isso / fl. 37 v.º / vos fizer appetite por se lhe huma das que chamão lanternas de pao cubertas com pouco chumbo para a qual se suba por cima do tecto da sala, e dali se logre huma admirável vista Para esse cazo serão precisas as escadas de pedra de quatro palmos que meto escondidas nas grossuras das paredes da sala para as primeiras antecamera, e guardaroupa as quais escadas julguei sempre úteis para conduzirem a huns quartos que nas mezaninas se podem destinar para Filhas, ou filhos; porem no cazo que vos nem queirais a tal lanterna, nem os tais

quartos formados nas mezaninas, deixai de fabricar as ditas escadinhas que introduzo nas grossuras das paredes.

Anotação¹⁹

Estas duas cazas, a saber, a primeira antecamera, e primeira guardaroupa hão de abolir se, e não ficão para o quarto da Senhora mais que duas antecameras, e para o quarto de homens mais que huma guardaroupa, alem da caza destinada para as vizitas, porem a perda daquellas duas cazas se recompensara com a formosura das que agora são primeiras antecamera, e guardaroupa pois que estas tem de comprido setenta tres palmos / fl. 38 /

Anotação²⁰

As que erão segundas antecameras, e guardaroupas se convertem em primeiras

Anotação²¹

Esta ha de contar se agora como segunda, e nella não ha mais mudança que a de se porem duas portas nos topos, em lugar de que somente havia nelles huma. O duplica las foi necessário para que se entrasse nos novos gabinetes separadamente sem depender hum do outro, e a tal caza assim não ficou menos airosa. A rezão porque ella tinha a porta no meyo era o ouvirse do leito missa no oratorio o que agora cessa

Anotação²²

O oratorio por instancias vossas foi transplantado para a que antes era Caza de comer em particular e pondo o Altar no meyo desta, ouvirá missa quem tiver a cabeça deitada no leito. O tal novo Oratorio hé pequenino, mas ouve se missa de muitas partes, e as criadas terão em cima tribuna para o oratório porque não ha de ser de esteira, pois não he da Reverencia devida que se lhe mostre em cima, e assim pode elle tomar com huma pequena cupola luz viva, e primeira quando não vos contenteis da luz segunda / fl. 38 v.º / a qual nelle he muita porque lhe vem de diversas partes e huma janela do Pateo está muito immediata a sua porta e grades. Os criados hão de ouvir missa daquella especie de corredor largo em que lhe fica a porta com grades ao lado della. Tem hum grande almario para se revestir o Padre, o que tudo faz que não importe o ser mui pequeno. No lugar do primeiro oratório que se aboliu fis dous lindos gabinetes, hum Redondo com dezouto palmos de diâmetro, no qual as Senhoras assentadas no canapé logrão ao mesmo tempo diversos pontos de vista pellas duas janelas vizinhas do canto, e se lhe pode verdadeiramente chamar o gabinete da boa vista. O outro que he de figura outavada longa destino para brincos, ou porcelanas de presso, e elle pella sua situação, e bonita figura bem merece ornatos pomposos, he de vintedous palmos sobre quinze, e meyo, e supre a falta do escaparate que fica abolido. Debaixo de hum dos seus nichos no canto se lhe pode pôr huma cheminé, cujo fumo entrará na mesma tromba da cheminé que eu transplantei em huma caza do andar da rua, e esta tal tromba fará no tecto boa simetria com as outras

chemines que vão no quarto do homem / fl. 39 /

Annotação²³

A essa lhe tirei hum palmo na largura porque agora não necessita de levar bem junto ao canto a porta para o retrete, antes o novo retrete he muito melhor que o antigo porque cabem nelle alguns cofres, e tem duas entradas. Tão bem lhe mudei a cheminé que fica agora melhor situada, e no lugar em que estava a primeira cheminé se abriu huma porta a que se pode chamar Tribuna para ouvir missa do Leito.

Annotação²⁴

Neste não ha mais alteração que a de por lhe bem no meyo da parede a porta que vai para a Camera e de tirar lhe o grande almario dos vestidos, reduzindo o a hum almario ordinário.

Annotação²⁵

Neste deminuei consideravelmente a largura não tanto para fazer o retrete, quanto para formar a cozinha das Arcas, se he que por estreita se lhe pode chamar caza, pois que realmente he hum corredor.

Annotação²⁶

Está abolido, mas bem se pode ainda assim levantar no quarto baixo a pequena parede de cor vermelha que eu fazia ali para sustenta lo / fl, 39 v.º / Isto he se quizeres conservar em baixo commodidades para pôr vestidos

Annotação²⁷

Nesta ha somente a mudança de lhe augmantar meyo palmo, e de lhe abrir huma Tribuna

Annotação²⁸

Na grossura da parede desta caza introduzi o cano da secreta que ha de haver na mezanina em cima, o qual cano convem que fique vizinho ao fogo da cuzinha, e que entre no outro cano que ha de fazer se para as inmundicias da dita cuzinha que planto para aquella parte.

Annotação²⁹

Esta se converteu em oratório, e he substituida por huma que novamente planto entre a saleta da Donna, e a caza do aparador, ficando ali propriamente situada, ella terá dezouto palmos em quadro.

Annotação³⁰

Nesta se lhe cortou quatro palmos de comprimento, e se fés com melhor figura a escada que vai para o quarto baixo; em cima da dita escada há outra semelhante pella qual as criadas hão de / fl. 40 / subir para as mezaninas, e quando de noite a Donna fechar a porta que está na caza do aparador junto dessa dita escada, fica rezervado todo o quarto feminino, e fica debaixo de chave a subida das criadas, e uso do oratorio. O grande almario, que fiz agora no oratorio deu ocasião a mudar a figura da dita escada, formando a circular, e mais commoda, e mais clara

do que era

Anotação³¹

A esta se lhe cortou meio palmo de comprimento, mas ganhou muito na sua nova situação pella mudança da Planta

Anotação³²

Esta se aboliu

Anotação³³

A esta se lhe cortou dozer palmos, e meyo no comprimento, e se formou de novo junto a ella huma caza semelhante a da Donna, adonde assistão os pages, ou os valets de chambre grande não devem estar na guardaroupa, e tãobem se gostares disso poderão entrar por ali as vizitas, assim como no quarto da Senhora. / fl. 40 v.º /

Anotação³⁴

Disto não trato agora enquanto não sei a vossa ultima resolução sobre o cortar ou não o Pateo.

Anotação³⁵

Como o Pateo se corta em consecuencia fica mais corto o passeio, mas sempre da mesma largura.

Anotação³⁶

Se vos resolveres, como entendo, a cortar o Pateo, e se tãobem conseguires comprar as Cazinhas alheias de palmos vinte sete, e meyo de frente, poderieis lograr huma fachada para a parte do Loreto obtusa, e semelhante à que está já fabricada na Rua Formosa, mas perdendo o amor ao Jardim, e formando a nova travessa de tal modo, que vá para a parte do jaques, costeando o vosso passeio, e vos permita fazer a fachada na dita Travessa do Jaques totalmente em si regular. Oh que isso vos daria hum lindo Palacio! Porque emtão haviéis de abraçar com dous lanços de escadas, introduzidas por baixo do passeio, à fonte, que ponho no pateo no angulo reintrante, e essas ditas escadas se ajuntarão / fl. 41 / por detras da onte(?), e se subiria com hum só lanço para a Travessa do jaques para huma porta aberta debaixo do assento de pedra, que está no meyo do passeio, logrando se assim segunda entrada nobre para a gente de pé na vossa morada.

Suposto que eu deante disse neste paragrafo que ficaria exçessivo o quarto de home pello corpo obtuso, que lhe acrescentaseis, ocorre me o modo de fazer ali hum bellissimo quarto sem nenhum exçesso e desta exçelente mudança vos mandarei plantas se as quizeres. O Palacio teria emtão huma figura totalmente nova, e agradavel, e como o unico obstaculo, que há para isso, he o não vos quererem vender as cazinhas pequenas, lembro vos a proposta de trocares as vossas cazas de trinta quatro, e tres quartos de palmos de frente pellas ditas cazas alheias,

com tanto que ao fazer essa troca vos deixem tomar pello quintal a vossa travessa, que ha de hir tornejando a parede do passeyo na travessa do Jaques. Bem galante ficaria o edificio Emfim tendes tempo largo para cuidar nisso, porque entretanto hireis trabalhando na Rua Formoza / fl. 41 v.º /

Anotação³⁷

Na suppozição de que não queirais ocupar mais terreno, que os vossos trezentos, e oito palmos vos formo o computo seguinte do como se reparte a fachada principal

Em 17 janelas já lavradas de seis, e meyo p.os 110 ½

Em 16 membros como os já feitos de nove p.os 144

Na diferença de seis membros maiores que os outros p.os 30

Nos dous cunhais até a luz das janelas do quarto baixo p.os 13

Na largura da nova travessa, que aconselhei p.os 10 ½

São em tudo p.os 308

Emfim estas mididas vereis melhor na planta que vos mando accomodada ao terreno de trezentos, e oito palmos que he inteiramente vosso em que vos sinnalo a pequena travessa nova que podeis fazer A dita planta vai em papel delgado por não compor grande masso, e porque esse papel não duraria, estando na mão do Pedreiro vos mando tãobem em papel grosso o quarto somente da Senhora em que por agor trabalhais, o qual pequeno papel aturara na mão do pedreiro, principalmente se vos o forares de pano / fl. 42 /

Tendo escrito atéqui me rezolvi a mandarvos tãobem em papel delgado outra planta que contem a nova ideia de formar o quarto de homem tãobem com o ângulo obtuso como ha no quarto da Senhora porque não pude rezistir a tentação de proporvos este projecto pello melhor, pois que vejo que ficando emtão o Palacio Regular não se vos acrescenta despeza no numero das cazas se não na fermozura dellas, e sendo eu contente do quarto da senhora que he o mais próprio que soube immaginar para remedio das torpes cazas baixas ja feitas, confesso que acho melhor este quarto de homem que agora vai com o ângulo obtuso, do que o quarto que está disposto para a Senhora

A frente pella calçada acima fica neste projecto aquella mesma de 17 janelas que vai no outro projecto, e quanto a nova travessa a fareis da largura que quizeres, se ajustares a troca das vossas cazinhas com as outras.

Nesse cazo aproveitai toda porção de terreno que puderes rezervar para vos na troca, porque se ficares rezervando alguma porção consideravel podereis nella fazer hum pequeno jardim para o qual se passará do edificio por huma ponte sobre arco, pois que suposto que o Tribunal da Camara não vos sofriria isso em qualquer outra Rua, não pode embaraça lo em huma travessa que vos abris de novo em terreno vosso, e ainda que o tal jardim seria não somente

mui peaqueno / fl. 42 v.º / mas de figura informe, sempre era hum dezafoego Porem em tudo isto falo as apalpadelas, porque me falta informação bastante.

Vos dezejais que vos mande plantas das officinas, e não considerais que não posso determina las sem eu saber as que estão ja feitas por Santos Pacheco das quais nunca me inviastes designio, nem sei que altura tem, nem se nellas ha dous andares como mostra a antiga planta Nesta que vai de novo condemnareis talvez o veres na galeria determinada huma baranda, ou coro para istrumentos: he porque não sabeis o como hoje esta em moda fazer estas tais barandas, ou coros de musica nos saloens, e pessos grandes em que pode haver bailles, ou qualquer genero de festa, e o descreve la eu na planta, não vos empenha a executa la, mas se acazo a fizeres vos mandarei o risco della, e da forma com que hão de entrar os tangedores pella escada particular; A tal escada neste quarto de homem fica summamente bem situada. Deste quarto posso dizer vos que não conheço outro em Lisboa igualmente bom; o unico escrupolo que se offereçe na sua perfeição he que a caza de Reçeber vizitas tem alguns emchalsos de janellas mui longos por razão do lado ser obtuzo, mas nesses enchalsos não ha a minima viagem / fl. 43 / e eu me aproveitei do seu defeito para fazervos hum pequenino beliche de escrever fechado com vidraças em lugar de portas para Reçeber bem a luz das duas janelas, entre as quais o plantei, porem se não gostares delle, bem o podeis entopir sem teres horror a os grandes enchalsos.”

NOTAS

¹ Ms. roído.

² Ms. roído.

³ Ms. roído.

⁴ Ms. ilegível.

⁵ Rubrica dificilmente decifrável.

⁶ Rubrica dificilmente decifrável.

⁷ Rubrica dificilmente decifrável.

⁸ À margem direita: “No paragrafo 3 que começa Em segundo lugar, escreva-se à margem delle”.

⁹ À margem direita: “No paragrafo 7 que começa A Planta finalmente Escrevasse”.

¹⁰ À margem direita: “No paragrafo 9 que começa Não posso encobrir”

¹¹ À margem direita: “No paragrafo 10 que começa Refutando pois”.

¹² À margem direita: “No paragrafo 12 que começa Conservei o que”.

¹³ À margem direita: “No paragrafo 13 que começa Empreguei as”.

¹⁴ À margem direita: “No paragrafo 14 que começa Fis vintecinco”.

¹⁵ À margem direita: “No paragrafo 16 que começa Fis o Pateo”.

¹⁶ Entrelinhado: “e setecentos”.

¹⁷ À margem direita: “No paragrafo 17 que começa Fis huma Escada”.

¹⁸ À margem direita: “No paragrafo 18 que começa Fis a Sala”.

- ¹⁹ À margem direita: “No paragrafo 20 que começa Fis nesta duas”.
- ²⁰ À margem direita: “No paragrafo 21 que começa Fis a segunda”.
- ²¹ À margem direita: “No paragrafo 22 que começa Fis a terceira”.
- ²² À margem direita: “No paragrafo 23 que começa Fis por esta mesma cauza”.
- ²³ À margem direita: “No paragrafo 24 que começa Fis a camera”.
- ²⁴ À margem direita: “No paragrafo 25 que começa Fis o principal”.
- ²⁵ À margem direita: “No paragrafo 26 que começa Fis o segundo”.
- ²⁶ À margem direita: “No paragrafo 27 que começa Fis entre dous”.
- ²⁷ À margem direita: “No paragrafo 28 que começa Fis huma caza”.
- ²⁸ À margem direita: “No paragrafo 29 que começa Fis huma caza sextavada”.
- ²⁹ À margem direita: “No paragrafo 31 que começa Fis huma caza de vinte”.
- ³⁰ À margem direita: “No paragrafo 32 que começa Fis huma caza de vintouto”.
- ³¹ À margem direita: “No paragrafo 33 que começa Fis huma caza de vinte sete”.
- ³² À margem direita: “No paragrafo 34 que começa Fis tratando”.
- ³³ À margem direita: “No paragrafo 40 que começa Fis ao lado”.
- ³⁴ À margem direita: “No paragrafo 46 que começa Quanto ao Jardim”.
- ³⁵ À margem direita: “No paragrafo 47 que começa Se ó dito”.
- ³⁶ À margem direita: “No paragrafo 54 que começa Alguem vos diria”.
- ³⁷ À margem direita: “No paragrafo 55 que começa Acabo declarando”.

BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

Núcleo Intermédio, Processo n.º 45664, fls. 3, 4 e 6 (1881)

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

Cartório Notarial de Lisboa, N.º 9 A (actual n.º 7), Cx. 63, L.º 351, fls. 69 -70

Cartório Notarial de Lisboa, N.º 12 A (actual n.º 1), Cx. 89, L.º 395, fls. 61 v.º- 63

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Secção de Iconografia, D. 147 A., D.148 A.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA

Cód. CX/1-6, n.º 25.

ESTUDOS

ALBERGARIA, Maria Isabel Whitton da Terra Soares de - *A casa nobre na ilha de S. Miguel : do período Filipino ao final do Antigo Regime*. Lisboa: [s.n.], 2012. Tese de Doutoramento em Arquitectura apresentada ao Instituto Superior Técnico

AVILER, Augustin-Charles d' - *Cours d'architecture qui comprende les ordres de Vignole, avec des commentaires, les Figures & Descriptions de les plus beaux Batimens, & de ceux de Michel-Ange, plusieurs nouveaux desseins, ornemens & préceptes concernant la distribuition, la décoration, la matiere & la*

construction des edifices, la maçonnerie, la charpenterie, la couverture, la serrurerie, la menuiserie, le jardinage, & tout ce qui regarde l'art de bâtir; avec une ample explication par ordre Alphabetique de tous les terms / par le Sieur A. C. Daviller Architecte. Paris: Nicolas Langlois, 1691-1693 (2 vols.)

BLONDEL, François - *Cours D'Architecture.* Paris: Lambert Roulland, 1675-1683

BLUTEAU, Rafael - *Vocabulário Portuguez e Latino, aulico, architectonico, bellico, (...)*, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728

BONIFÁCIO, Maria de Fátima (ed.) - *Memórias do Duque de Palmela.* Lisboa: D. Quixote, 2011

CARITA, Hélder - *Tipologias de casa nobre no tratado do Arquitecto José Manuel de Carvalho e Negreiros*, (Texto policopiado apresentado em Agosto de 2010 no III Encontro de Museus-Casa no Rio de Janeiro, na Casa de Rui Barbosa)

CARVALHO, Ayres de - *Catálogo da Coleção de Desenhos.* Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1977

COUTINHO, Maria João Pereira - O palácio do Monteiro-Mor e a visão da arquitectura civil lisboeta na primeira metade de Setecentos por João Gomes da Silva (1671-1738), 4.º conde de Tarouca. In *Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa de Homenagem a José-Augusto França.* Lisboa: Associação Portuguesa de Historiadores de Arte, 2012. pp. 77-84 (cd-rom)

GUARINI, Guarino - *Disegni di architettura civile ed ecclesiastica.* Turim: Gianfrancesco Mairesse, 1686

LAMAS, Arthur - *A casa-nobre de Lázaro Leitão no sítio da Junqueira.* Lisboa: Edição do autor, 1925

MIGUEL, Pedro Lopes Madureira Silva - *Descobrir a dimensão palaciana de Lisboa na primeira metade do século XVIII. Titulares, a corte, vivências e sociabilidades.* Lisboa: [s.n.], 2012. Dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

MUET, Pierre Le - *Maniere de bâtir por toutes sortes de personnes.* Paris: Melchior Tavernier, 1623

ROSSI, Domenico de - *Studio d'architettura civile.* Roma: [s.n.], 1702

SILVA, Augusto Vieira da - Sítio e palácio do Marquês do Alegrete. In *Dispersos*, Vol. I. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1954. p. 325-347